ANNO XXXII
Num. 1.584
Rio de Janeiro, 29 de
Abril de 1933.
Preço para todo o Brasil:
1$000

O Malho

O galante Lucio, filhinho do Sr. Abel Lisbôa, residente nesta capital.

Em Louvor Da Maior Poetisa Do Brasil!

Abro um parentheses no curso penoso de agua corrente, que está sempre a rolar sem saber qual seja o seu destino, destas minhas mal entrouxadas chronicas, para uma justa e commovida homenagem a Gilka da Costa Machado, que o Brasil mental, pelos nomes mais expressivos da actualidade, acaba de sagrar a nossa poetisa maxima, no memoravel certamen intellectual promovido e levado a termo com o maior exito pelo O MALHO. E Gilka Machado é positivamente a maior poetisa do Brasil. Na sua arte cheia de rythmos estellares, brame e rebrame a ansiedade amarga mas vibrante de um amor insatisfeito, que se adoça em caricias de arminho e se enfurece em marejadas selvagens. Ha simultaneamente na sua poesia ternuras de frondes e coleras de abysmos; aconchegos de ninho e arrancadas de asas bravias. Mas em tudo a nota quente e radiosa de um estro maravilhoso; a accentuada, persistente belleza de uma arte individualissima, expressão superior de um espirito requintado, que nasceu para crear, e que jámais se offuscou ante os esplendores do infinito, porque soube sempre escutar os clamores e as vozes da natureza, captar seus rythmos mais fortes e partilhar, face a face, do côro maravilhoso das estrellas...

Transcrevo aqui, para melhor coroar a homenagem com que se honra esta columna, o soneto abaixo, da maior poetisa do Brasil:

"Busco fóra de mim o que existe sómente
em mim; sempre serei a solitaria flôr
que, da infausta existencia esquecida, inconsciente,
varia na embriaguez febril do proprio odôr.

Distribue-se meu ser de tal modo no ambiente,
que chego a uma alma irman perto de mim suppôr:
sinto commigo, alguem, longe de toda gente,
e as multidões me dão da soledade o horror.

O que anceio é só meu, só no meu ser existe,
e por isso me fiz muito triste, assim triste,
no sonho de affeição que me é dado compôr...

Procuro-me a mim mesma, em meus longes perdida,
sem poder encontrar, dentro de estranha vida,
um amôr, outro amôr, para o meu louco amôr!..."

Assim forte, assim estuante de belleza e de rythmo é toda a arte da nossa Poetisa Maior! — F.

(D'*A Tarde*, da Bahia).

TERCEIRA EXPOSIÇÃO PECUARIA DE PETROPOLIS —Aspecto da inauguração, em Petropolis, da 3ª Exposição Pecuaria, realizada domingo atrazado, estando presentes o chefe do Governo Provisorio, o interventor do Estado do Rio e outras pessoas gradas.

DE RECIFE — Luigi Presta, José Maddalena e Giovanni Capelli, da firma José Maddalena & Cia., nossos estimados agentes distribuidores na capital de Pernambuco.

O MALHO

Propriedade da S. A. O Malho

Director: — ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

ANNO XXXII NUM. 1.584

NUMERO AVULSO

No Rio.................... 1$000

Nos Estados.............. 1$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. *Toda a correspondencia,* como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Trav. Ouvidor, 34 — Rio. Telephones: — Gerencia: 3-4422. Redacção: 2-8073. Caixa Postal, 880.

A palestra de um imbecil verdadeiro me submerge em um mar de delicias. Mas, desgraçadamente, só conheço uma meia duzia. Nada escasseia tanto como os puros, os authenticos imbecis. Os que costumam passar por taes são, em realidade, falsos homens intelligentes. — *Edmond Jaloux* (L'Alcyonne).

Caixa d'O Malho

RIAN (S. José dos Campos, São Paulo) — Seu conto não é de grande interesse, preciso emendar, e além de mais é muito longo. Tente outra vez.

FERNANDO D'AQUINO RIBEIRO (Rio) — Não é possivel a publicação de seu conto.

JOAQUIM VASCONCELLOS (Bello Horizonte) — Eu tinha razão. Você escreve bem e com inspiração original. *Os mineiros*, muito bom. O soneto tambem.

D. SCOLA (Bahia) — De accordo com os ensinamentos do meu venerando avô, seu soneto foi para a cesta...

LAURINDO DE BRITO (São Paulo) — Idem, idem.

MORAES PINTO (Bello Horizonte) — Com você eu me enganei. Julgava que fosse mesmo original, ou, pelo menos talentoso, ... não se dá. A... que agora me enviou, não se aproveitam. A melhor, *Mulata*, começa bem com aquella comparação:

"Você é para minha mocidade,
Uma bandeira de revolução."

Mas finalisa tão imbecilmente:

"Você me maltrata,
Você é uma tentação."

Isso é chapa do seculo passado, *seu* Moraes Pinto! Nada feito.

ROLÔ (Mal. Hermes, Rio) — *Um conto simples*, com algumas emendas que já fiz, será publicado. E' de facto um conto simples, singelo, bom. Desses cuja leitura nos faz bem á alma. Como só Ribeiro Couto é capaz de escrever.

As poesias, porém, não publico. Estão aquem da simplicidade com que você escreve.

CARICATURISTA (São Paulo) — Suas caricaturas foram entregues ao secretario da Secção Politica. Quanto á prosa, será publicada. Mas não envie mais...

SANTANA PINTO (Varginha) — Você ainda não estourou? O elogio de Plinio Motta bateu *record*. Será possivel que se esteja perdendo um Castro Alves na longinqua Varginha? Vou falar ao Ray. Com todo o prazer...

DICTE (Itajubá) — *Sonhos e etc.* não serve para *O Malho*. *A Caixinha da Felicidade*, bem ideada, mal descripta e peor engendrada. Portanto, de accordo com os sábios ensinamentos de meu avô, cesto!...

MARUJO (Bahia) — De accordo com os ensinamentos de meu fallecido e bonissimo avô, sua poesia foi á cesta...

D'ELIA (São Paulo) — Quando eu elogio um trabalho, é porque o publico. Quando lhe acho defeitos, é porque não o publico. Está claro... clarissimo... *seu* D'Elia.

DR. CABUHY PITANGA NETO

O MALHO

ANNO XXXII — Director: **Antonio A. de Souza e Silva** — NUM. 1.584

SOBRETAXADO

— *Eu desejava informações a respeito do imposto sobre os solteiros...*
— *O interessado é seu filho, minha senhora?*
— *Não, é meu noivo...*
— *Seu noivo?! Então elle está isento de imposto...*

O CONCLAVE DOS INTERVENTORES — No Palacio do Governo de Recife, o ministro Juarez Tavora cercado dos interventores Lima Cavalcanti, Juracy Magalhães, Bertino Dutra, Punaro Bley, Magalhães Barata e Affonso de Carvalho. Em baixo, os interventores em reunião secreta no Palacio do Governo.

A proxima chegada ao Rio de Bob Ripley, o grande artista americano.

Dentro em breve, possivelmente a 9 ou a 10 do mez proximo, o Rio de Janeiro terá ensejo de acolher um dos nomes mais famosos do jornalismo americano, onde tem feito fortuna e celebridade.

Trata-se de Bob Ripley, o creador famoso do "Believe it or not". "Believe it or not" significa "Acredite nisso ou não", é uma collecção de desenhos sobre factos verdadeiros tirados dos ramos mais variados da sciencia, illustrada por desenhos daquelle desenhista e jornalista, e que é publicada por mais de 300 jornaes espalhados atravez do mundo inteiro.

Bob Ripley é por conseguinte, o que se póde chamar uma authentica celebridade. Com o seu lapis e a sua intelligencia conseguiu crear um genero inteiramente novo no jornalismo, e com esse genero logrou levar seu nome atravez do mundo inteiro.

Bob Ripley deante de um dos seus exemplares "vivos"

Os seus livros de desenhos tambem são muito prezados, especialmente no seio do publico anglo-saxão.

Bob Ripley é uma das glorias mais bellas do jornalismo americano, e, por isso, merece boa acolhida por parte do nosso jornalismo.

Nesta pagina, vemcs Bob Ripley deante de um dos seus exemplares "vivos" do "Believe it or not". O famoso desenhista verifica se o que disse em uma das suas reportagens está ou não de accordo com a realidade, e que no caso é uma congoleza com labios esticados á força de artificio.

Malhadas da Semana

AUGMENTA O NUMERO DOS SUICIDIOS

-NÃO SERIA MA IDEA SE DECRETASSEM O IMPOSTO SOBRE OS SUICIDIOS.

-PAPAE, O QUE E ALPHABETIZACÃO?
-MEU FILHO ALPHA VEM DE ALFAFA, BETA DE BETERRABA, E' NEGOCIO AGRICOLA.

-COMO? ELLE NASCEU HOJE E JA' ESTA' BERRANDO ASSIM?
- E' PORQUE TEM DE PAGAR O IMPOSTO DE SOLTEIRO

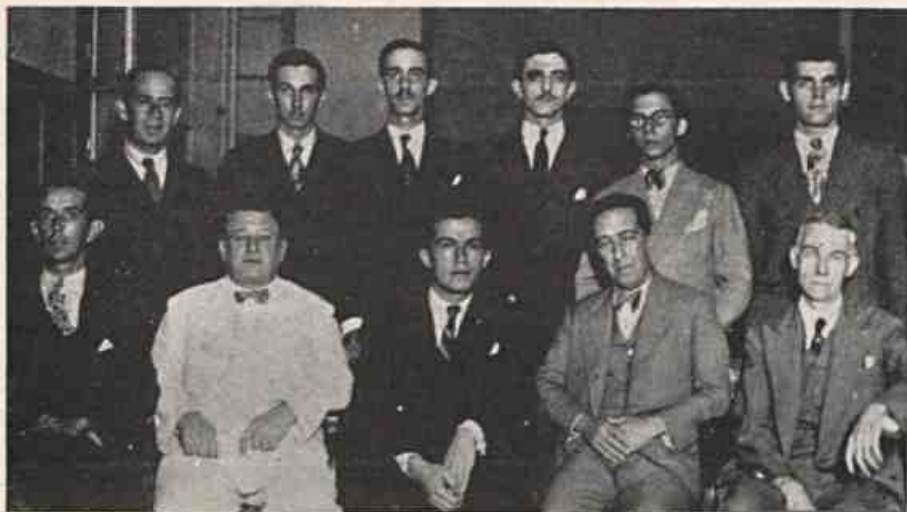
-BÔA COISA! TANTAS VEZES ELLA ME CHAMOU DE CACHORRO QUE ATE ESTOU TIRANDO PROVEITO DISSO

O "SINAL DA CRUZ "SWASTIKA" ESTA' ABRINDO UM CLARO NA SWASTIDÃO DA ALLEMANHA (MUITA GENTE COM **HITLERICIA** WAESTIKAR A CANNELLA)

NA ITALIA UMA MULHER DEU A' LUZ CINCO CRIANÇAS DE UMA VEZ.

- APOSTO QUE ELLE E' HOMEM
APEZAR DA CRISE VOU ALPHABETIZAL-O
PAGAR O IMPOSTO DE SOLTEIRO E FAZEL-O MEU UNICO HERDEIRO

ENTERRO DO BOM SENSO

Yantok

COMBATE AO ANALPHABETISMO — Os universitarios cariocas da Cruzada Nacional de Educação, reunidos ha dias, para tratarem da grande campanha cont a os illetrados.

RENDAS DE OURO

TRISTEZA

— Tarde imbrifera. Fios finos de chuva, cantando a'a musica de rythmos barbaros e ennervantes, batem na vidraça da minha janella...

Na humildade ambiente do meu quarto de solteiro, ouço, cheio de tedio, a canção monotona dos fios de agua, qual por celebre musicista, tocada no piano desafinado do meu tecto...

✣ ✣ ✣

A tarde vae morrendo...

Tudo, em derredor, é tristeza. Uma tristeza sem attractivos... uma tristeza sem nada... uma tristeza sem aquelle "que"...

Que fim-de-tarde horrivel!...

Como essa tarde, meu amor, eu, tambem, me sinto triste...

E eu me sinto assim, com uma tristeza chorando na minh'alma... por que não posso, como todas as tardes, ouvir a tua voz, a tua dulcisona voz, cantando a sympathia do nosso amor, do nosso grandiloquo amor, nos meus ouvidos... contemplar os teus formosos, e grandes, e melancolicos, e luciferos olhos... e admirar o teu corpo, o teu lindo e esbelto corpo de moça...

✣ ✣ ✣

...E, como um supplicio, eu continúo a ouvir a mesma musica de rythmos barbaros, ennervantes e monotonos de chuva...

TEUS QUEIXUMES...

Quando estás bem pertinho, agarradinha a mim, minha amada, de vez em quando, teus olhos se ensombram de uma como suave melancolia... Tuas mãozinhas tremem levemente, assustadas, nas minhas... E, quando, attraindo-te mais a mim, ébrio de amor, procuro saber a causa dos teus infantis temores, teus labios, trementes, soltam uns queixumes...

✣ ✣ ✣

...E meu coração, um lago crystallino, e o teu, uma gondola toda alva, como a tu'alma de virgem, voga, desliza suavemente, rompendo, em um beijo voluptuoso e interminavel, as suas aguas, de uma quietude mansa, logo sente como que uma tristeza docemente dolorosa, com os teus queixumes...

✣ ✣ ✣

...Teus queixumes choram, penetram bem dentro no meu peito, e ahi continuam a chorar, sempiternamente, porque, minha doce amada, eu te amo muito... e soffro, dulcissimamente, com os teus queixumes...

UMA VISÃO...

Você appareceu em minha vida,
desolada, triste...

E eu vendo em ti um'alma affim da [minha,
amei em você a tristeza
que teu palor reflectia.
Amei você com um amor immaculado,
com um amor espiritual...

Foi na hora malva do crepusculo,
cheinho de tristeza,
na hora santa do recolhimento,
e da religiosidade,
e da Ave-Maria, que você
appareceu, passou e se sumiu
na minha triste vida de poeta...

CREPUSCULO

Fim de tarde...

A noite vem descendo lentamente...

e envolve a terra num subtil amplexo.

De um campanario perto,

ouço o lutisono bater de sinos

— é a hora cinza e gualda da poesia.

...E lá, na estrada muito branca

nesta hora dos altivolantes meditares,

caminham grupos de meninas-moças,

que se dirigem à pequena igreja

Talvez pedir a Deus vão pelos namo- [rados...

Só eu não tenho quem reze por mim...

ARIVALDO S. CARVALHO

Bahia, 1933

CAPITÃO DULCIDIO CARDOSO — Os que tomaram parte no grande almoço offerecido no Automovel Club, ao capitão Dulcidio Cardoso, director do Departamento de Ensino.

O IMPOSTO DO SUICIDIO

A principio foi sómente aquelle sussurro:

— Dizem...

— Ouvi falar...

— Sim... Parece...

Depois a coisa pegou. E já se commentava francamente. Nos cafés, nas rodas, nos jornaes, á hora do jantar em casa:

— Mas é um absurdo!

— Uma ignominia e um facto sem nome!

— Uma covardia dos poderes discricionarios.

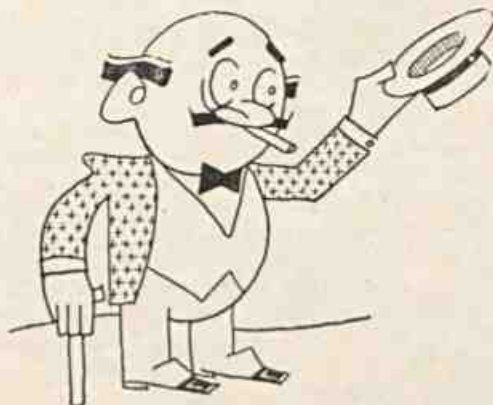
— Eu morro, mas não commetto semelhante asneira!

— E eu irei preso... suicidar-me-ei... passarei um nó no pescoço... tudo que quizerem, menos tal estupidez!

Até que hontem, finalmente, a bomba estourou. E o Cardoso veiu a saber do caso. Tratava-se do imposto de solteiro ou a obrigatoriedade do casamento. E o formidavel do Cardoso, que é solteiro, vacinado, etc., o formidavel do Cardoso deu razão aos seus companheiros *covardes*.

Elles tinham razão. Chore a Patria, dora avante, os seus grandes homens. Adeus, Humberto Gottuzo, Ataulpho de Paiva, Carvalho Mourão, Roberto Duque Estrada, Aprigio do Rego Lopes, Auto de Sá, Francisco Passos, João Lyra Filho, Queiroz de Barros, Paulo de Magalhães, Harold Daltro, Roberto Marinho, Luiz Peixoto, Raphael Barbosa!

Adeus, pessoal!

Entre o pagar duzentos mil réis de imposto por anno e o casamento, Cardoso que é solteiro por profissão, prefere a morte. E Cardoso vae se *suicidar*...

O QUE NEM TODOS SABEM...

A terra, tres vezes menor que o mar, contém um numero infinito de vezes mais sêres damninhos. Os animaes da fauna microscopica do mar são em quantidades inexprimiveis pullulando em um litro d'agua e todos são absolutamente inoffensivos, ao passo que em terra, qualquer centimetro cubico de ar comporta outros tantos microorganismos de um poder infinito de destruição.

* * *

Sophocoles, o grande tragico atheniense, representava, segundo o costume da época, elle proprio, as suas peças, e os seus trabalhos deveriam ser pesadissimos porque se sabe que elle escreveu de 113 a 123 peças.

* * *

Em 1813, imprimia o barão de Umboldt o seu precioso ensaio sobre o reino da nova Hespanha, no qual, tratando da canna, diz que ella foi trazida pelos hespanhoes das Canarias para São Domingos, que Pedro de Atiença plantou as primeiras cannas de assucar em 1520, pouco mais ou menos, nas vizinhanças da Conceição da Veiga, e Gonçalo de Velosa construiu os primeiros cylindros.

* * *

Os povos da India são contra os cemiterios e acham que o corpo não deve putrefazer-se ao contacto com a terra cuja funcção é produzir e não destruir. Semelhante tolice, ou ignorancia do circulo fatal de toda vida, levou-os a construir ás "torres do silencio" — o Dakmos — onde se expõem os mortos para que sejam devorados pelos abutres.

REVOLUCIONARIOS

GETULIO — Mas, "seu" Juracy, o Arlindo Leone e o Pacheco de Oliveira são mesmo revolucionarios?

JURACY — Pois não, "seu" Getulio. O Leone é de Julho de 1823 e o Pacheco é de 1° de Abril...

DE LITERATURA

POEMAS HEROICOS DA REVOLUÇÃO PAULISTA

Mozart Firmeza

PARODIANDO uma certa anecdota, poderemos dizer que as quatro revoluções destes ultimos dez annos no Brasil foram tres: a de 1930 e 1932.

A de 1930 revelou uns vinte escriptores do momento decisivo. A de 1932 muito mais.

Nesta, os Remarques e Ludendorfs superabundaram. Vieram livros dos que apenas presenciaram os tres mezes historicos. Dos que commentaram e criticaram. Dos que acompanharam as operações. Dos que fizeram calculos mathematicos de victoria ou derrota e dos que apenas narraram o que viram ou ouviram.

Não appareceu, porém, até ha pouco, um só livro poetico da Revolução de 32. E esta lacuna acaba de ser prehenchida pelo talento moço de Mozart Firmeza, autor de "Meteoros".

"Poemas Heroicos da Revolução Paulista" foram escriptos em plena febre dos oitenta dias que agitaram São Paulo. E publicados diariamente no "Diario Nacional". Finda a Revolução, colligidos, foram editados por A. Coelho Branco Filho, com capa de Demetrio.

Mozart Firmeza faz parte da Academia Cearense de Letras. E estes seus "Poemas Heroicos" são capitulos que estão acima do livro anterior do mesmo autor—"A vida é um goso..."

Ha paginas, neste volume, que merecem ser divulgadas. "Aos Conquistadores do Acre" é uma. "Por outros tantos seculos de gloria", outra. "Batalhões Brancos da Solidariedade", outra mais.

LITERATURA PARA MOÇAS NÃO É QUALQUER LITERATURA

TODAS as moças têm illusões e acalentam sonhos. A ingenuidade da juventude deve ser resguardada. E a delicadeza faz parte do coração. E' pensando nisso, apenas nisso, que pugnamos continuamente pela leitura adequada ás moças da nossa terra.

Leitura adequada comprehende-se por aquella que não fira, com brutalidade, a subtileza da moça, nem esfarinhe, tambem, as illusões que essa moça possue.

A Editora Nacional de São Paulo comprehendeu bem essa psychologia. E a Editora Nacional lançou uma serie de livros para moças que vale um thesouro. As capas são lindissimos quadros. As traducções bem cuidadas. Revisão, idem. E os enredos em si, transpirando a doçuras, delicadezas, ingenuidade.

Dois destes livros destacamos: "A querida do meu coração", de W. Heimburg e "A ladra", de Bertha Ruck. O primeiro vertido por Diego Castanho e o segundo por Caio Rangel.

A bibliotheca das moças que não tiver estes dois volumes, necessita urgentemente de preencher uma lacuna.

UM LIVRO DE VERSOS DE SYLVIO JULIO

UM livro de Sylvio Julio não é um livro commum. E quando esse livro é de poesias, deixa de não ser commum para ser algo raro, preciosidade. Pois Sylvio Julio vae publicar um livro de versos. E um livro de versos que tem este titulo delicioso: **"Rythmos da Illusão e do Desencanto".**

Sylvio Julio

O autor premiado de "Bolivar", o escriptor interessante de "Penhascos", é conhecido e bem conhecido como um sulamericanista de valor real. Como poeta, se apresentará sómente agora. Inspirado, classico, romantico. Capaz de conseguir esta coisa impossivel no Brasil, em materia de livros de versos: venda total da edição.

"Rythmos da Illusão e do Desencanto" apparecerá no proximo mez.

EMILIO SALGARI E BURROUGHS, AUTOR DE "TARZAN", EM TRADUCÇÕES BRASILEIRAS

OS romances de aventuras são como os films em séries. Prendem o leitor desde a primeira pagina e só o largam quando a palavra "fim" apparece.

Da serie dos escriptores preferidos neste genero, conhecem já os leitores do Brasil as obras de Conan Doyle, Edgar Wallace, Michel Zévaco, Ridder Haggar e Jack London. Mas não sabiam que ainda existem Burroghs, Cooper, Stevenson, Mayne Reid, Emilio Salgari e outros.

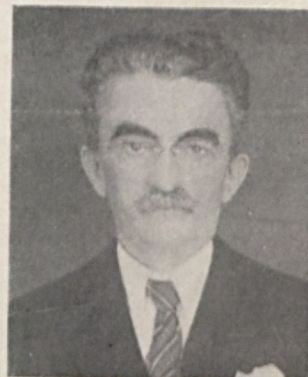
Deste ultimo, em uma collecção que intitulou de "Terramarear", a Editora Nacional de São Paulo publicou agora "O prisioneiro dos Pampas" e "Sang-Kay, o Pirata", com capas em off-set a cores, de J. U. Campos.

E de Burroughs (Edgar Rice), na mesma forma, "Tarzan, o filho das Selvas" que já vimos filmado por Weissmuller.

Estes tres volumes da Terramarear são de grande interesse para a rapaziada que não se preoccupa, mais, apenas, com foot-ball, mas tambem com leitura de interesse.

E se os livros de interesse interessam os leitores do Brasil, quando elles são bem traduzidos e melhor apresentados, certamente que ficarão sendo leitura indispensavel... E' o que se dá, justamente, com estes, cuja versão está a responsabilidade de nomes de valor.

"NOÇÕES DE PHIOLOSOPHIA PRIMEIRA"

O Sr. Reis Carvalho é positivista, poeta e critico de arte. Publicou agora, a proposito dos ensinamentos de Augusto Comte, as "Noções de Philosophia Primeira". E' um trabalho bem feito e que muito vem auxiliar a propagação das theorias positivistas. Recommendamol-o prazeirosamente a todos que, no Brasil, têem em Teixeira Mendes um mestre.

Reis Carvalho

...Foi á janella do fundo e abriu-a...

O FIM DO MANOEL PE' VELHO

(CONTO DE JASSON ALVES)

LÁ para as bandas do Carmona, transmudados repentinamente em pejados nimbos, sucessivos trovões, bem distinctos, mandavam aviso prévio de que a chuva não tardaria. Passaros pretos, amedrontados, procuravam a tepidez dos ninhos nas frondes dos coqueiros altos que lindamente pontilham a parte sul do Palmeiras. Esgarçando as verdes palmas sacudidas pelo vento, o coqueiral esbelto dava a impressão de victoriosos auriflammas.

A chuva não se fez esperar. Grossas bagas cahiam vertiginosamente, prenunciando forte aguaceiro. Em pouco estava-se num verdadeiro diluvio... Trovões succediam-se amedrontadores.

Manoel Pé Velho teve um bom sonho. Sonhara com o seu garimpo da **Rampa.** Estavam, elle, e seus dois "socios" maneando, desesperançados, as bateas na "lavandeira" para resumir o "esmeril" da grande "cata" que desmontaram corajosamente, quando perpassou na sua batea enorme diamante. A "pedra" era extra. Alva como a lua cheia. Sahindo do garimpo, foram sem demora vendel-a ao coronel Lormino Santos. "Pechincha que pechincha", o coronel Lormino só poude adquiril-a pela somma de 6:000$000. De posse da parte que lhe coubera, foi ao sertão realizar o que mais almejava: um pedaço de terra onde pudesse viver commodamente como lavrador".

Espreguiçando-se na sua tosca dormida, Manoel Pé Velho procurou coordenar o sonho que bem podia ser realidade. Não estava trabalhando? Quem trabalha Deus ajuda. Além disso, o garimpo era muito rico; diversas "pedras", bastante grossas já haviam sahido ali. Era possivel, portanto, que tambem elle pudesse ter o seu **bamburrio.** Essa historia de vender a "pedra" por 6:000$000, é que não estava direito. Desde que entrou o anno de treze o diamante começou a baixar, não valendo, actualmente, o preço merecido. O carbonato?... este nem se fala!: de 2$000, de 1$000 e grão, e sem achar comprador. Mesmo assim, seria tão bom se elle pegasse um diamante cheio; tinha tantas **precisões**...

Escutou, depois, o barulho da chuva cahindo pelas telhas... Fóra roncava o corrego do **Lagedinho.**

— Hontem, esse corrego estava sem uma gotta d'agua, pensou Manoel Pé Velho. Está claro que choveu muito para o lado do **Lagedinho.** Os trovões, tinha prestado bem attenção, vinham do Carmona. A cabeceira do rio era lá para o Capão. Não empatava, portanto, aquella chuva, o seu serviço da **Rampa.** Desse corrego "pinoia", elle não tinha medo. Enchesse como quizesse, elle atravessaria para o outro lado. Restava saber se os "socios" tinham ou não coragem de fazer o mesmo. Se não tivesem, iriam para a **Rampa** passando o rio pelo caminho que fica aquem do corrego. Qual nada! Elle iria era por ali mesmo... Desviar o seu caminho por causa de um corregozinho "foba"? Não está vendo?...

A chuva havia cessado, e um sol preguiçoso espalhava reverberos de ouro por toda parte.

Levantou-se, riscou um phosphoro, accendeu a candeia de azeite que na vespera trouxera do garimpo. A luz frouxa da candeia clareou o seu pequeno quarto onde não penetravam os raios do sol.

Foi á janella do fundo, abriu-a. Curiosos já se agrupavam na margem esquerda do corrego, contemplando a enchente nunca vista. Garimpeiros iam dispondo as "ferramentas" pelos barrancos, vencidos pelo medo. Outros, mais afoitos, arregaçavam as ceroulas de valença, saltavam na agua barrenta, iam até certa profundidade, e voltavam esmorecidos.

O **Lagedinho** transbordava. Não se tinha noticia de uma cheia como aquella.

OLEGARIO — Nós deviamos ter incluido o Zé Bonifacio na chapa.

CAPANEMA — Por que?

OLEGARIO — Teriamos, assim, o Pae, o Tio e o Sobrinho na Constituinte...

Do outro lado, na manga do velho Uldurico, os pés de "São João", desempoeirados, ostentavam, garbosos, as suas flores cheirosas, amarellas... Coqueiros brindavam-se nas alturas, num continuo agitar de folhas. Margeando a estrada, a vegetação rasteira, intercalada pelas virentes mangueiras do **Sobrado**, extendia-se luxuriante até o Pau ferro, onde se salientavam, em comoros, as casinhas brancas, lavadas pela chuva. Além, transmontado o morro do Pau Ferro, a serra azul do Gonçalo dormia sob as cortinas de nuvens que o sol ia, aos poucos, dissipando.

— Êh, Manoel Pé Velho! chega aqui se você é homem. Você anda por ahi contando lorótas; agora vamos ver se você garante o que diz — chasquearam alguns garimpeiros, vendo-o na janella.

Ferido no seu amor proprio, e achando occasião para mostrar a sua bravura, Manoel Pé Velho não esperou que repetissem o convite. Saltou, num pulo, a janella, e foi-se juntar aos demais.

— Muito bem! Muito bem! Vamos ver o damnado. — Applaudiram-no deante de sua resolução.

Manoel Pé Velho suspendeu, até os joelhos, a ceroula; apalpou, balbuciando curta oração, o talisman que trazia preso ao pescoço, e cahiu n'agua. Com fortes braçadas alcançou, rapido, a outra margem.

Varios garimpeiros, vendo que o corrego não estava tão perigoso, tentaram tambem a travessia. Outros relutaram.

— Conheceu cambada de mofinos! Se eu não chegasse vocês não teriam coragem — berrava o destemido, do outro lado.

Pouco mais, e já não existia garimpeiro que não tivesse passado o corrego; e de lá, entre algazarras florejadas de anecdotas, seguiram, caminho do garimpo.

✣ ✣ ✣

A tarde bruxoleava no poente e o sol, mergulhando os ultimos raios entre as nuvens agrupadas no occaso, focalizava panoramas ruivos, multicôres...

Manoel Pé Velho vinha da Rampa. Sentado á beira do rio, scismava contemplando a fumaça do seu cigarro de palha, emquanto chegavam os companheiros que ficaram atraz. Lepido, corria o rio, caracolando-se nos seixos rolados pela torrente. E parecia dizer:

— Manoel Pé Velho, o seu dia não vae longe... Esta noite choverá muito lá para o Capão e uma cheia assombrosa tomará conta do meu leito. Se você perder o seu talisman, não tente me atravessar... será pela ultima vez... Olhe!: Eu lhe quero bem. Quando você passa, enxada ao hombro, o sacco ás costas e calumbé preso no braço, eu fico com pena de você. Trabalha tanto... Você não falha ao serviço. Não é como esses garimpeiros que ha por ahi: por qualquer dorzinha de cabeça não vêm ao trabalho. Você, não! Não falha. Mesmo doente não deixa o seu garimpo. Por isso... eu tenho pena de você. Não tente me atravessar quando vier a enchente.

Atirando, no rio, a ponta de cigarro, Manoel Pé Velho, bocejando, vê os companheiros ao seu lado, rindo da sua modorra áquella hora.

— Que é isto, rapaz?! Dormindo aqui?

Elle não lhes conta a conversa do rio que ouvira, mas tão clara como se estivesse acordado. Mofariam da sua crendice, na certa. Depois... estava ali, bem preso, o talisman indisputavel. Quando chegasse em casa havia de o guardar... Ao menos... não o perderia, até o dia seguinte, dia que já o aguardava, presago, funesto...

Assim fez. E á noite vagueou pelas ruas acabrunhado, triste, como se a conversa do rio, que ouvira em sonho, calasse, fundo, nas profundezas de sua alma rustica e supersticiosa...

Foi ao Largo 2 de Julho. Lá estavam, como sempre, garimpeiros folgazões que se reuniam para resarcir, em anecdotas brejeiras ou modinhas da voga que lhes cantava algum trovador apparecido, as feridas que lhes deixavam, presa, na alma, a labuta quotidiana do garimpo e o rescaldo do sol ardente, a lhes borbolhar a epiderme crespa das costas...

Um trovador do bando tossiu, temperou a garganta, e, languida, nervosa, a modinha quebrou o silencio...

Manoel Pé Velho por pouco não cantou, tambem, para esquecer, ou antes, afugentar a impressão, cruel, tenaz, que lhe tomava conta do ser, da alma. Já era tarde, e mesmo, com aquella escuridão, não era difficil topar com alguma cousa indesejavel do outro mundo, até chegar á rua da Ponte. Era homem para topar com as cousas aqui da terra; do outro mundo, não! Não queria conversa.

Despediu-se... Seguiu, irresoluto, achegando-se o mais possivel, ás casas do caminho; e, na rua da Ponte, parou indeciso á porta de sua morada, sem saber se entrava. Depois, num gesto de decisão, se não de medo empurrou-a e fechou-se por dentro, assobiando, nervoso, como a espancar os pensamentos, tetricos doentios...

Sem accender a candeia, no escuro, apalpando, chegou até a cama, deitou-se; levantou o travesseiro, á procura do talisman... Já lá não estava. Roubaram-lh'o, na ausencia. Um terror horripilante assaltou-o, tomou conta do corpo...

Não dormiu a noite. Ribombaram trovões ao longe, no Capão, talvez; e um gemido triste, longe, horroroso, chegava até elle, qual o grito de um monstro descommunal em agonia. Apurou o ouvido, e poude concluir, apavorado, ser a cheia que tomara conta do rio. Era mau signal aquelle gemido. Sabia pelos mais antigos da terra que, nas cheias, aquillo era a sentença de "um", que o rio levaria. Sem duvida, era elle o destinado dessa vez.

— Manoel Pé Velho! — chamaram-no de fóra, os companheiros, pela manhã.

Sem querer mostrar parte de fraqueza, levantou-se, seguiu caminho da Rampa, e, junto ao rio, parou, olhando-o, desanimado.

Aquem, pelos fundos da igreja, das casas, regorgitavam curiosos vendo, assombrados, o rio que se assoberbava, transpondo o barranco alto, carcomendo-o, feroz. Mais a baixo, velhos jatobás e viçosos cajueiros iam sendo devorados pela agua. Tóros de madeiras, trazidos de longe, passavam velozes, como barcos sem direcção...

Tomado de subita resolução, Manoel Pé Velho, desprezando os conselhos dos companheiros, saltou na agua e foi seguindo, de pé, heroico, invejado.

Quando não poude mais, parou, firmou-se, deu impulso ao corpo, apanhou o nado. E, já quasi fóra de perigo, teve uma caimbra, desequilibrou-se... E desceu rio abaixo, submergindo-se aqui, apparecendo ali, até se sumir para sempre...

DE TUDO UM POUCO

AS VOLTAS QUE O MUNDO DA'

TRISTE espectaculo!

Ali no trecho mais concorrido da cidade.

Na rua do Ouvidor, e dos Ourives, e ao mesmo passo na Avenida.

Rico edificio.

Rico de material custoso, rico de belleza, rico de arte.

Na face externa de suas paredes, encrustações de bronze, frisos dourados de fino gosto, motivos architectonicos lindissimos, num forro de marmore docemente rosado.

Foi ali que teve seu maximo esplendor a casa Luis de Rezende.

Templo de arte, varrido, hoje, pelo vendaval que vae levando na poeirada asphyxiante do seu galope desenfreado, tudo em que ainda se encontra qualquer traço de delicadeza.

Ali se expunham á venda joias de alto preço, mas não dessas dos "nouveaux-riches", recommendadas só pelo numero de quilates dos brilhantes.

Nada ali apparecia que não fosse de apurado gosto que não entremostrasse trabalho de um artista consumado e escolha de um conhecedor proficiente.

Joias, estatuetas, jarras, quadros, tudo tudo naquellas primorosas vitrinas era uma afinadissima orchestra, sob a regencia de um maestro perfeito e apaixonado.

Ali parava em contemplação a curiosidade educada das mulheres que ainda tinham doçuras de maneiras e de pelle, ainda não traziam na bocca o cheiro repugnante da mistura de alcool e tabaco.

Mas esse culto foi desapparecendo, os fieis converteram-se a outra religião e correram a outros templos que lhes dão, por pouco preço, muita extravagancia.

Não podia ser senão assim mesmo.

A casa Luis de Rezende tinha de fechar, e fechou.

A mentalidade actual não póde supportar os deuses decahidos, os velhos deuses d'antanho, do tempo de costumes que já se não comprehende como puderam ser praticados.

A gente de hoje voltou á adoração do bezerro de ouro, não porque o idolo seja bovino, mas porque é do metal com que se compra a cocaina, e as "baratas" que, em tardes amenas, levam, por estradas ermas a sitios suspeitos casaes de contrabando.

O bezerro não exige aprimorados lavores, mais lhe agradam enfeites espectaculosos.

Ao velho templo estava, pois, destinada a rude provação de servir a outro culto.

Elle que fôra construido de accordo ainda com o ideal de uma época, teve de servir de séde ao expoente da actualidade.

No ultimo carnaval profanaram-no, com um commercio de lança-perfumes, serpentinas e confetis, numa bulha enorme de foliões, aos berros e aos requebros de sambas, com muita catinga de gente suada e muita cusparada pelo chão.

Forraram-lhe as paredes de annuncios, que ainda lá estão collocados, a attestar em cores berrantes os beneficios da civilização que adoptou o "jazz" e opulentou a linguagem com os solecismos das favellas, e a giria dos alfurjos.

Luis de Rezende, que até pontificou durante tantos annos, sempre elegante, numa elegancia que nem a velhice conseguia apagar, teve, porém, a felicidade immensa de morrer antes de, como o velho leão da fabula, preferir duas mortes a soffrer tão grande injuria.

.S

Versos de Cleomenes Campos:

SYMBOLO

Que bello symbolo! Repara:
como cresceu esta arvore pequena
(sem duvida a menor
de quantas vejo aqui em derredor),
ao refletir-se na agua clara
desta lagoa serena!
Que bello symbolo! Repara!

— Dentro de mim tambem tu ficaste
[maior...

NOTA CINEMATICA

A crise de dinheiro tambem attingiu o ordenado da gente de Hollywood. "Estrellas" que só trabalhavam carissimo agora se sujeitam á diminuição de 50% nos seus faustosos vencimentos. Ainda assim ganham, num anno, o que faria a independencia de uma familia inteira por toda a vida.

Da lista dos de féria reduzida constam: John e Lionel Barrymore, Marlene Dietrich, Maurice Chevalier, Jeannette Mac Donald, etc.

SIR MAROLD HOUSTON BOWDEN e senhora compareceram á Côrte dos Divorcios, em Londres, accusando um ao outro de "sevicias", motivo pelo qual haviam requerido separação. Lady Bowden chegou a dizer que o esposo, numa noite de Natal, a havia machucado com os sapatos.

E a sociedade londrina muito se preoccupou com um escandalo a mais entre a gente que lhe fórma a grinalda...

GULODICE

Omelette de espinafre — Ferver em agua e sal, escoar e passar em manteiga quente espinafres frescos, tendo o cuidado de addicionar-lhes um pouco de bicarbonato para manter o verde. Bater, em separado, ovos com queijo parmesão e mangerona picada, misturando isso aos espinafres, mexendo bem e sobre o fogo até que adquiram a consistencia precisa para enrolar o omelette. Servir com pão frito na manteiga ou no azeite, azeitonas e rodelas de ovo cozido.

Tomates de fôrno — Escolher tomates grandes, carnudos, cortal-os em rodelas largas, retirar-lhes as sementes, collocando-se em tal espaço cebola picada. Arrumar as rodelas assim recheadas num prato forte, cobril-as com fatias de pão embebidas em azeite, e levar ao forno por espaço de uma hora.

Sopa maritima — Cozinhar alguns caranguejos (tambem servindo sirys, lagostas, camarões) com sal e gottas de limão, separal-os do caldo já frio, juntar duas colheres de arroz bem temperado, levar ao fogo, em banho maria, depois addicionar cebola picada, pedacinhos de pão frito no azeite, e pimenta moida. Servir quente.

Conhecer as mulheres pelo andar...

Isto de se apreciar as mulheres pelos seus habitos, pela maneira de falar, de vestir, de se pintar, de comer, de dormir, de pizar, de se pentear, de gastar e de tapear é uma mania como outra qualquer...

Innumeros têm sido os poetas, jornalistas, romancistas e escriptores varios, que pretendem fazer estudos de observação intima de caracter da mulher pelo que ellas exteriorizam...

Bem poucas são as observações até agora encontradas, que se approximam da verdade. Umas e outras alcançaram por méra e simples casualidade, uma coincidencia que faz crer, aos leitores, que o observador se aprofundou em conhecimentos acerca da alma feminina.

A verdade, entretanto, é que taes observações lançadas com pretensos conhecimentos psychologicos, não passam de fantasias architectadas nos cerebros dos sonhadores e rabiscadores...

Que ninguem se arroje a isto, a um estudo completo, preciso, integral sobre a mulher?

Que ninguem se arroje a isto, a menos que tenha immensa e incontida vontade de passar os ultimos dias de vida em algum manicomio...

Seja, entretanto, como fôr, as mulheres gostam de lêr, sempre, o que se diz a respeito dellas.

Bem ou mal.

Leem sempre com avidez, e depois da leitura, esboçam um sorriso dentro do estomago e conjecturam com doirada ironia:

— Será possivel mesmo que este homem preteda nos conhecer?...

A verdade, comtudo, é que ellas leem.

E fazem muito bem.

Quem sabe se daqui a vinte seculos venha a apparecer algum sabio ou zoologista... que as possa estudar precisamente...

Hoje, temos de nos contentar apenas com as tentativas...

Por isso mesmo, não é demais reproduzirmos aqui o que diz um jornal hespanhol, sobre a mulher, com relação ás suas maneiras de andar.

Aprecia assim o articulista:

"A mulher que bate com os tacões, deitando a casa abaixo, tem um genio que nem o demonio lhe resiste: é dengosa, fastidiosa e precipitada.

A que anda nos bicos dos pés, é zelosa, curiosa, viva, impressionavel e algumas vezes impertinente.

A que assenta a planta do pé para dentro é maliciosa, pouco animada e pouco sincera.

A que deita para fóra, saracoteando-se com desenfado, é capaz de comer uma vitella e negar até que o sol dá luz.

A que anda de peito sahido e apertada de cintura, é dominante, presumida e não se impressiona com cousa alguma.

A que anda de cabeça cahida, olhando para o chão, está disposta sempre a enganar o pae, a mãe e até os irmãos.

A que se apresenta de cabeça levantada e empertigada para traz, tem a massa encephalica cheia de poeira e o coração cheio de estopa.

A que se balança, para um e outro lado, não conhece a modestia nem ao menos pelo avesso.

A que pela rua vae mirando a cauda do vestido, os pés, as mangas, os hombros e a ponta do nariz, entortando a vista, é presumida e não serve para nada.

A que anda simplesmente, e só olha quando é necessario, sem fixar demasiadamente, e que não anda depressa nem devagar, nem direita nem curvada, nem leva no vestuario muitos enfeites, nem dá gargalhadas na rua, nem vae tão seria que assuste, nem tão alegre que faça rir, é modesta, docil, complacente, dedicada, pundonorosa e honesta. Finalmente, é uma mulher ás direitas".

Isto tudo, a titulo de um esboço fantasista está muito bem...

Mas será verdade?

Não. Não póde ser...

Os leitores conhecem um aphorismo popular que diz "cachorro que ladra não morde"?

Pois bem. Este aphorismo espalhou-se tanto que até os cachorros agora o conhecem e o resultado foi que quando elles querem morder não mordem...

As mulheres, tambem, mal comparando aos mastins, sabem tudo o que os homens pensam a respeito dellas e por isto fazem tudo pelo contrario...

Dahi, todas as observações serem erroneas e falhas...

Eloy de Montalvão

— Ó Chico, o elevador já está funccionando...

DA SEMANA QUE PASSOU

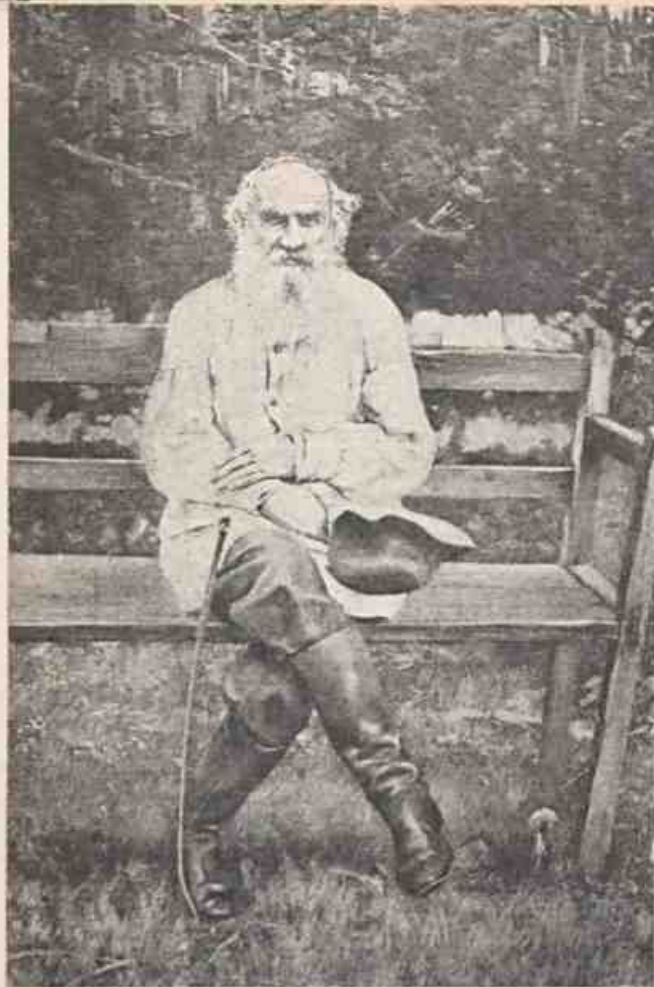
Dois aspectos da inauguração da nova séde social do Syndicato Medico Brasileiro, installado luxuosamente no 5º andar do Palacete Lafont, á Avenida Rio Branco, e posse do Conselho de Disciplina do Codigo de Deontologia Medica.

Aspecto do almoço offerecido aos Drs. Navarro de Andrade e Guilherme Hermsdorff, pelos agronomos e medicos veterinarios.

Na Liga Monarchica, quando da ultima reunião do grupo da "acção tradicionalista feminina".

Na redacção da revista "Brasil Feminino", quando se procedia á oitava apuração de votos para a eleição do maior poeta moço do Brasil, tendo obtido o primeiro logar nessa apuração o poeta Leão de Vasconcellos.

"Onde estaes vós, christãos, socialistas verdadeiros, escriptores, estadistas?" -- grita o sangue de Tolstoi, horrorisado ante a barbaria com que a dictadura e o exercito vermelhos esganam o povo de sua terra

UM APPELLO AO CORAÇÃO DA HUMANIDADE, POR ALEXANDRA DE TOLSTOI

Retrato de Leon Tolstoi, em sua granja, quando escrevia "Anna Karenina".

O assumpto da moda é o regime dito communista da ex-Russia Imperial.

Não ha antipathia pela causa que Lenine fundou, mas tambem não se morre de prazer por vel-o vigorando no Brasil. Muito pelo contrario... Mas a verdade e a realidade são uma só: com o fim de integrar enorme massa de população, calculada em cento e cincoenta milhões, nos moldes desejados, o governo sovietico ha quinze annos, sacrifica uma enorme porcentagem, ora fuzilando, ora deportando, ora obrigando a morrer de fome e frio.

Dirão os mais enthusiastas pela utopia do seculo, que estas palavras são "intrigas da opposição". Em absoluto. Negamos. Falamos com serenidade e imparcialmente. Nenhum paiz, na terra, com excepção da Grã-Bretanha, França e Estados Unidos podem ainda se adaptar ao regimen dos soviets. Elle é parte da evolução dos povos mas não póde, deshumanamente, ser *obrigado* ou imposto aos povos. Na Russia, elle é fructo prematuro. Um paiz que por seculos e seculos viveu obscurecido pelo analphabetismo e no regimen autocrata dos Czares, não póde, assim de repente, pular de oito a oitenta. Não se chega de um pulo ao primeiro andar, com vinte degráos a subir. E o Brasil está no mesmo caso da Russia. O communismo, de facto, é um bello programma de governo. Mas não para paizes sem cultura, sem educação, sem vida propria. E ninguem, ninguem com excepção de Deus pela mão da Natureza, tem o direito de sacrificar os homens como o governo da Russia vem sacrificando ha annos.

Tudo é *bluff* na União dos Soviets. Para o estrangeiro, mostras de grandezas e poderio. Exportação de trigo até de graça... Photographias artisticas... Para o nacional, para os desgraçados que dahi não podem sahir, nem queixas, nem sussurros, nem lamentos.

Alexandra de Tolstoi, filha predilecta do grande apostolo que foi o romancista de *Resurreição*, commovida, apiedada, entristecida pela situação actual do paiz de seu pae, publicou nos Estados Unidos um appello ao mundo. E este appello não podemos deixar de reproduzir, mais um documento da situação dolorosa daquelle povo, o mais infeliz de quantos vivem depois da guerra européa.

E antes de transcrevermos este appello, convêm notar que Leon Tolstoi e sua familia, de descendencia aristocratica e com o titulo de Conde, tudo abandonou na época do czarismo, para batalhar ao lado dos irmãos opprimidos. Mas não foi essa, infelizmente, a "victoria" de seus sonhos. E se Tolstoi vivesse, hoje, mais do que hontem desancaria com a sua penna os verdugos de um povo.

Em 1854, quando Leon Tolstoi era official do exercito imperial russo em serviço na Siberia.

E' o seguinte o appello de Alexandra de Tolstoi ao mundo civilizado:

"Quando em 1908 o governo do tzar condemnou alguns revolucionarios á pena de morte, partiu de meu pae, como um gemido clamoroso, o grito: "Não posso continuar calado!" E os russos, como um só homem, seguiram-n'o nesse brado de protesto contra o assassinio...

Agora, quando no Caucaso septentrional se desenrola uma luta desesperada e desigual, quando milhares de homens, diariamente, são fuzilados e degredados, para morrerem de fome e de frio nos desertos siberianos, e meu pae não vive mais, eu sinto o dever de levantar a minha fraca voz contra essa malvadez injustificavel e horrenda.

Doze annos trabalhei com o governo sovietico e vi o espantoso desenrolar do terror.

O mundo permanecia mudo e impassivel... Milhões de pessoas eram deportadas, mortas á fome nas prisões, abandonadas nos desertos de gelo do extremo Norte. Milhares eram fuzilados nas suas cidades e aldeias. Os bolchevistas começaram a sua obra de exterminio pelos seus adversarios de classe: religiosos, scientistas, crentes e intellectuaes em geral. Agora chegou a hora de supplicio dos camponezes e dos operarios. E o mundo assiste ao espectaculo indifferente... Já são quinze annos que o povo russo soffre a escravidão, a fome, o frio. O governo bolchevista saqueia o povo, extorque-lhe o pão e outros productos do seu suor, e exporta tudo, pois precisa de moeda estrangeira para custear os planos grandiosos e futeis como fogos de artificio, e para fomentar a propaganda bolchevista em todos os paizes do mundo. E, quando os camponezes protestam ou escondem um pouco de trigo para as suas familias famintas, a punição é rapida: fuzilam-nos em frente ás suas proprias choupanas para que todos possam ver o castigo que se inflinge aos que commettem "crimes contra o Estado".

Um retrato expressivo de Tolstoi em sua mesa de trabalho.

O povo russo não póde mais supportar esse jugo. Apesar das perseguições ferozes e do terror incrivel, por toda a Russia rebentam levantes. Insurgem-se fabricas, usinas, grupos de aldeias e até municipios inteiros. Camponezes famintos aos milhares fogem da Ukraina, onde os ameaça a morte de fome, abandonando as casas e os utensilios agricolas. Que é que faz então o governo sovietico? Assigna decretos negando trabalho e pão aos "inimigos do regime", expulsando de Moscou e de outras cidades grandes cerca de um terço da população, sem indicar-lhe o destino e negando-lhe meios de transporte. Os camponezes, especialmente, são mantidos em "tranquillidade" ora fuzilando um entre dez culpados, ora degredando para a Siberia a população.

Desde a obscuridade e as torturas da Idade Média, a Russia não viu tamanhos horrores. E agora, quando foi dominada a revolução de Novembro de 1932, accesa pelas almas ardentes da liberdade dos cossacos de Cubanhe, mas suffocada pelo enorme exercito vermelho que contra elles fez uma verdadeira demonstração de guerra moderna, agora o governo realizou uma pavorosa punição, unica em crueldade.

Os communistas, usando metralhadoras, fuzilaram familias inteiras, não dispensando a minima consideração ás creanças de peito, aos feridos nos combates, ou aos velhos paralyticos. Todos os que não tombaram no campo de batalha e escaparam aos fuzilamentos, foram (45.000 familias) exiladas por decreto de Stalin para a Siberia septentrional, onde foram abandonadas sem meios de subsistir por mais de uma semana. As suas aldeias foram incendiadas e as cidades arrazadas. E' possivel que tambem agora o mundo deixe de se manifestar? E' possivel que os maiores paizes do mundo continuem a negociar tranquillamente os pactos commerciaes com os bolchevistas assassinos? E' possivel que, seduzidos por lucros faceis, esses paizes continuem a não enxergar o sangue do povo que cobre cada pedaço de pão exportado da Russia, e continuem sem comprehender que qualquer accordo com o governo Stalin fortalece o bolchevismo e corróe a estabilidade dos governos que procuram os Soviets? E' possivel que a Liga das Nações continue a tratar de questões internacionaes com representantes de um governo cujo methodo de acção é o terror sanguinolento? E' possivel que escriptores idealistas, como Romain Rolland, que comprehendeu tão bem as almas dos dois maiores pacifistas modernos — Gandhi e Tolstoi — e outros, como Henri Barbusse e Bernard Shaw, é possivel que continuem a cantar o paraiso communista? E nunca conseguirão comprehender que lhes pesará a responsabilidade moral de terem favorecido a propagação da infecção bolchevista, que ameaça arruinar o mundo repetindo-lhe a Idade Média? E' possivel que os homens inda acreditem que a dictadura sanguinaria de um grupo de fanaticos desalmados, que se propuzeram destruir a civilização, a religião e a moral, se chame Socialismo?

Quem, quem, agora, lançará ao mundo um novo grito: "Não posso continuar calado!"? Onde estaes vós, apostolos da liberdade, do amor, da verdade, da fraternidade? Onde estaes vós, christãos, socialistas verdadeiros, pacifistas, escriptores, estadistas? Ou ainda vos faltam provas, depoimentos de testemunhas; dados estatisticos? E' possivel que não ouvis os gritos de soccorro? Soccorrei 150.000.000 de pessoas algemadas e opprimidas sobre o chicote da barbaria. — *Alexandra Tolstoi* — Braunville, U. S. A."

Conde Leon Tolstoi, que abandonou os titulos hierarchicos, para ficar com o povo.

Nos ultimos dias de sua vida, Tolstoi ao lado de sua filha Alexandra, que agora appella para o mundo civilisado.

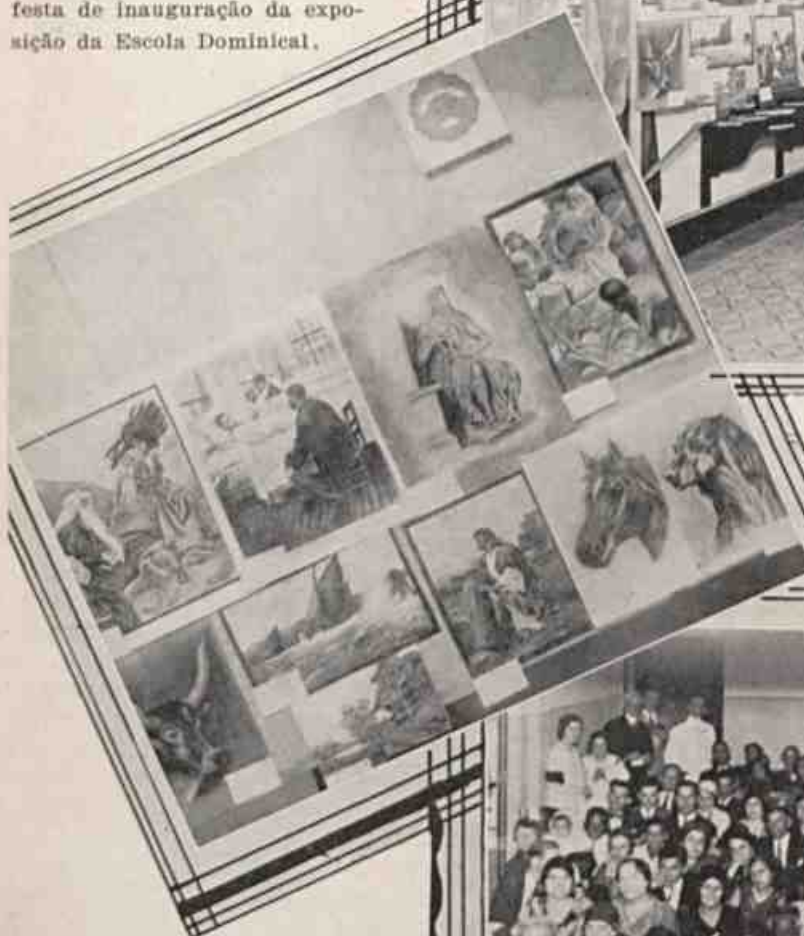
Tolstoi em seu leito de morte, na estancia de Isnaia Poliana

FESTA DE INAUGURAÇAO DA EXPOSIÇAO DA ESCOLA DOMINICAL DA IGREJA EVANGELICA FLUMINENSE

Senhoritas que tomaram parte no 1º numero da festa de inauguração da exposição, cantando a "Barcarola" de J. Offenbach.

Grupo de moças que representaram a "Marcha Hollandeza" na festa de inauguração da exposição da Escola Dominical.

Uma vista geral da exposição de trabalhos de desenhos dos alumnos da Escola Dominical da Igreja Evangelica Fluminense, inaugurada no dia 18.

Um aspecto da assistencia durante a representação do programma da festa inaugural da Exposição.

Algumas das pinturas do alumno do Dep. 4, Pedro F. Freitas, auxiliar da Casa Pimenta de Mello & Cia. e desenhista ajudante da revista "Moda e Bordado"

D E C I N E M A

Kathe Von Nagy é a morena allemã. Um pedaço de Fifi D'Orsay, outro pedaço de Claudette Colbert (Ah! Poppéa!) e outro pedaço de Eva na hora da tentação — e eis Kathe Von Nagy.

Dizem
Os que já viram "Ronny"
Que essa pequena ao alto
— Kathe Von Nagy —
E' a mais linda artista do cinema.
Será?
Dizem
os que já viram Nagy
nesse "film" assombroso que é "Ronny",

que ella é assombrosa,
estupenda,
um amor,
um encanto de belleza e seducção.
Será?
-- Sim! — responde o coração.

QUATRO DEDOS DE PHILOSOPHIA CONTEMPLATIVA

E' bem facil ou quasi certo estarem estas conversas um tanto destemperadas, faltando-lhes, talvez, o sal do bom senso ou o perfume da elegancia literaria. Porém, nestes fartos banquetes espirituaes que, todas as semanas, O MALHO tão prodigamente nos proporciona e onde impera a mais irreprehensivel cordialidade, estamos certos, caro leitor, que haveis de vos servir de mais este prato, embora vos transtorne o paladar optimamente disposto pelas outras iguarias que o precederam.

A nosso ver e no de muita gente, que se diz entendida, esta vida não vale mais que dois caracóes, e, por esse motivo, certos homens, entre os quaes cá está o subscriptor destes desengonçados periodos, sentem como que um indizivel e ineffavel prazer em levar as idéas para o terreno da jocosidade, não só por ser este meio de exuberante feracidade, como tambem ahi se expande, á vontade, o bom humor, sem offensa aos melindres dos que nos lêem, isto é, dos viventes de bôa vontade e rectidão.

Nestas condições, se nos afigura tornar a leitura mais amena, e, ao mesmo tempo, se nos apresenta a opportunidade de empalhar o appetite intellectual dos que nos prestam attenção. Isto de se querer embrulhar o proximo não é lá do que se diz tão facil, mesmo porque, por mais aguda e subtil, que seja a nossa perspicacia, ha uns tantos, que, mesmo cochilando ou descuidados, ainda nos sobrepujam com grande vantagem, deixando-nos a consideravel distancia na vertiginosa carreira da existencia ou no plano das competições individuaes.

Ha pessoas que se esforçam, quando na luta pelo seu bem estar e de sua familia, em constante peleja, com o fim de melhorar para o dia de amanhã, sem muito conseguir e até, não raro, ainda retrocedem, a despeito de toda energia despendida. Comtudo, ha outro, que, sem tanta esbofação, no decorrer dos costumeiros dias, com a fleugma de quem antevê o brilho da victoria, fazem uns passes muito vagabundos, que deixam escancaradas as mandibulas dos ouvintes, e, com tal agilidade, que, num mal apenas esfregar d'olhos, os mencionados desapparecem e reapparecem á nossa frente, porém, já muito mais adeante, com desenvoltura e a maior naturalidade deste mundo. Esta é uma tal arte de bem viver e fazer successo, cujo segredo a muitos escapa. Outros ha que, com suas mandriices, se refestelam de um particular geito e habilidade nas cadeiras dos vizinhos, que os pacientes ainda se sentem muito honrados em se considerarem empacotados. Neste campo vicejam os cutubas e os cutubaças, com ou sem pincenez, e d'aquelles de se lhes tirar o chapéo. Até depois de mortos os gajos ainda deixam por aqui umas parcellas de admiradores, que, por prolongado tempo, levam a matracar escrevendo terem sido os ditos defuntos umas grandes e insubstituiveis personalidades, demasiadamente uteis á Patria. Isto é ter sorte em abundancia. Haja vista, por exemplo, quando os que se julgam talhados para serem donos do rebanho popular ou mesmo os proprios donos, começam a enfeitar um talzinho para ser grosso mais tarde. Com que horripilante hypocrisia e falta de compostura esses referidos se pôem a exaltar umas hypotheticas e muito improvaveis qualidades ou predicados, que o neophyto apenas os conhece por ouvir dizer e que, no emtanto, á custa de se lhes repetil-os, continuadamente, terminam por se compenetrarem de que estão mesmo fadados para as grandes culminancias e passam a assumir uns ares de rara e excepcional importancia. E de que arrogante petulancia se empanturram essas numerosas aves de plumagens e côres variadas, quando inebriados pelas scintillações de suas fantasias, olham o que elles suppôem para baixo, com especial emphase e borbulhos de superioridade. Esses mesmos que ainda hontem eram uns titubeantes e acovardados e hoje grandes por uma eventualidade da sorte ou por feliz e inesperado casamento, e, nesta emergencia, á custa apenas de ser marido. Com que enfartamento de jactancia esses pandegos e solemnes patriotas, em projecto, caminham lampejantes de uma grandeza torpe de que sómente os perros e os zebroides se sabem compenetrar.

Vel-os é ter a concepção exacta desses excepcionaes despauterios, que estarrecem a consciencia ainda não contaminada da nação e que os observa attenta e imparcialmente. Esses especimens nos fazem lembrar de umas tantas velhuscas, que, desejando reembarcar na canôa da mocidade, se pôem a carregar tanto no rouge, que não calculam o ridiculo a que expôem o decoro de suas posições sociaes.

Dos supramencionados aguias (não nos referimos ás senhoras, vejam que está no masculino) conhecemos um numero não muito desprezivel e experimentamos um sabor todo especial em observal-os, avaliando-lhes os truques sensacionaes com que vão embahindo a credulidade do povo, esse mesmo povo que, em certas occasiões, é constituido pelas creaturas mais suggestionaveis deste mundo, inclusive o que estas linhas rabisca.

Nós não podemos deixar de cauterizar essas excrescencias sociaes com a palavra elevada á temperatura do reverbero, (sem mencionar nomes porém) afim de que se lhes desperte a dignidade entorpecida, e, ao mesmo tempo, é este um brado de protesto em favor da moralidade publica e administrativa, justamente numa occasião em que o paiz se prepara para entrar nos dominios de si mesmo pelo que deve ser a legitima representação de seus habitantes.

O que acima fica exposto é, entretanto, muito relativo, como relativos temos sido, desde que nascemos. E, de mais a mais, quem, na actualidade, está com a palavra, para proferir juizos absolutos sobre assumptos relativos, é o emerito Professor Einstein, que não sabemos se é mesmo uma pedra ou um osso. Com certeza essa avaliação do notavel mestre, que daqui não fazemos, nem mesmo poderia ser exacta, se a quizessemos executar, não só pela incommensuravel dimensão de nossa ignorancia, que delle nos separa, como póde acontecer estarem o observador ou o observado em movimento variavel e irregular no minuto da calculação, e, nestas condições, sahir o resultado errado, pois que, pontos eternamente fixos é absurdo. Nós, em nosso modesto entender, só conhecemos um capaz desse malabarismo e esse um é Deus, o todo poderoso.

C'est fini.

São Paulo, 10-4-933.

JOSÉ PIPÓCA

— O' mulher, vae ver nos jornaes se a grippe já passou!

O unico problema nacional

Confrontos que nos humilham, esperanças que nos animam. O exemplo do Japão e da Russia

A D; O L F O A I Z E N

Professor Miguel Couto

PARECE-NOS que não adianta mais se falar em educação do povo e combate ao analphabetismo no Brasil. Quanto mais se martela nesta tecla, menos os nossos governantes se apercebem do „que têm a fazer. Todos julgam que governo é synonymo de politica. Ser governador, por mandato de um povo, é ser politiqueiro e fazer politicagem. Entretanto, qualquer diccionario explicará a quem o quizer, o significado verdadeiro da palavra. E' correr as folhas e parar na letra G.

Miguel Couto, que é sabio e luminar da medicina, Miguel Couto pronunciou, ha tempos, na Associação Brasileira de Educação uma conferencia que girava em torno da magna questão. Intitulava-se "No Brasil só ha um problema nacional: a educação do povo". E nella havia periodos como este: "*A ignorancia é uma calamidade publica como a guerra, a peste, os cataclismas, e não só uma calamidade, como a maior de todas, porque as outras devastam e passam, como tempestades seguidas de céo bonança; mas a ignorancia é qual o cancer, que tem a volupia da tortura no corroer celula a celula, fibra por fibra, inexoravelmente, o organismo; dos cataclismas, das pestes e das guerras se erguem os povos para as bençãos da paz e do trabalho; na ignorancia se afundam cada vez mais para a subalternidade e a degenerescencia*".

Graphico da percentagem de analphabetos no Brasil, reconhecido de utilidade publica...

Se a ignorancia, como diz o Dr. Miguel Couto, é igual ou peor que as calamidades publicas, a guerra, a peste e os cataclismas, por que os governos do Brasil, considerando a falta absoluta de educação do nosso povo uma calamidade que se tenha abatido sobre nós, não adoptam medidas radicaes para se debellar o mal?

No Japão — é ainda Miguel Couto quem nos assevera — a percentagem da frequencia escolar é de 99½%.

Como é possivel isso? — perguntarão. E a resposta vem *tranchant*, para o respeito a todas as gerações e um exemplo ao Brasil: até ha menos de cincoenta annos, o o Japão era um paiz inculto, selvagem, barbaro. As potencias estrangeiras, aproveitando-se dessa incultura e desorganização, faziam ensaios para realizar no Oriente o que realizam hoje em Shangai ou Nicaragua... Os Estados Unidos chegaram mesmo a enviar a Shimoda, Nagasah e Hakodate, uma esquadra de encouraçados sob a chefia do almirante Perry. A Russia e a Inglaterra seguiam nas mesmas aguas... E foi quando surgiu uma voz salvadora que reboou pelos quatro cantos: "*De hoje em deante não haverá mais no Japão nenhum inculto*". E em seguida outra — inicio e base para o progresso e harmonia: "*Veneremos o Imperador e expulsemos os barbaros*".

Mutusahito, avô do imperador Hirohito que hoje governa o paiz das conquistas, coroado, publicou o seu primeiro manifesto. Dizia: "*Cultivae as sciencias e as artes para desenvolver as vossas faculdades e aperfeiçoar os vossos dotes moraes; que o saber seja procurado no mundo inteiro para assegurar a propriedade do Imperio; que a Instrucção seja disseminada de tal sorte que não reste em nenhuma aldeia uma só familia ignorante, e em nenhuma familia um só membro ignorante sem distincção de sexo ou de classe; que cada pae ou irmão mais velho tenha o primeiro dever de administrar o ensino aos seus filhos ou irmãos mais moços; ponderemos que o saber é o indispensavel capital para que alguem prospere e se eleve; quem era sem tecto, arruinado e faminto, só chega a tal extremo por falta de instrucção*".

E foi então que se viu o que no Brasil tambem deveriamos ver, para a nossa salvação, prosperidade e independencia: onde houvesse dez pessoas de 7 a 70 annos, havia um professor.

Nas cidades, nas aldeias, nas villas, nos logarejos, nas ilhas e nas ilhotas que abundam o archipelago, multiplicaram-se as escolas, os institutos e as universidades. Ao mesmo tempo se espalhavam pelas nações cultas milhares e milhares de alumnos seleccionados pelos seus meritos, em busca do saber, "onde quer que se encontrasse". E, em menos de vinte annos, o Japão ascendia ao nivel dos grandes paizes mundiaes, respeitados e temidos. E, hoje em dia, o Japão é o que é!

Os leitores sabem o que é o Japão-armamentista? — O Brasil adquire, agora mesmo, dos seus estaleiros, vinte e dois vasos de guerra!

Os leitores sabem o que é o Japão-scientista? — Noguchi, o descobridor do microbio da febre amarella, que tantos beneficios trouxe ao Brasil, foi um orgulho da Humanidade.

Os leitores sabem o que é a imprensa japoneza? — Os seus diarios tem a tiragem de dois milhões de exemplares e as revistas, em processos graphicos os mais modernos, nem parallelos têm com as nossas revistas.

Os leitores sabem o que é o Japão na guerra? — As derrotas successivas do poderoso exercito chinez, na guerra que se trava, é uma prova real e concreta da victoria da organização e cultura sobre o atrazo e apathia.

MAS voltemos ao Brasil, ao Brasil e seus governos. Envergonhados, humilhados, digamos francamente o que o patriotismo nos obriga a dizer: deixaram de se matricular este anno, na capital da Republica (capital da Republica, em gripho!) sessenta mil creanças, por falta de escolas. E' acreditavel? E' admissivel? Que castigo merecem os homens com responsabilidade no futuro? Todavia, o povo de nada se apercebe ou não quer se aperceber. Não ha escolas? Melhor... Inculto, vota em quem lhe faz um favor: um conselho medico, uma apresentação, uma nota de dez mil réis. E ahi temos a nossa cultura...

Em Recife, ha uns dez annos, existiam nas esquinas cartazes com dizeres allusivos á desanalphabetização: "*Ensinae a quem não sabe, ler e escrever*". E outros. A revista "Primeira", que existiu ha uns cinco annos, em todas as paginas, bramava: "*Auxiliae-nos, com o que puderdes, na campanha contra o analphabetismo!*" E mais: "*A ignorancia representa atrazo, pobreza e inferioridade de uma nação*". "*E' dever de todo o brasileiro culto, propugnar em prol do combate immediato ao analphabetismo no Brasil*". Livros sobre a educação surgem por todos os lados. Uns aproveitaveis, outros horrorosos. O de Araujo Lima, ex-deputado pelo Amazonas, comtudo, dos melhores. Intitula-se "Só a Educação transforma os povos".

Imperador Mutusahito

Fala e apresenta suggestões. Mas ainda não chega. Só venceremos quando a solução fôr radical. Panacéas não bastam.

Refutam-nos, os entendidos na questão do ensino, que o governo federal nada pode fazer em prol do ensino primario nos Estados, porque isso está affecto aos governos estaduaes. Mas porque não se divorcia de vez essa má união? Por que o governo da Republica não intervem com os poderes amplos que lhe confere a Carta Constitucional? E se agora estamos no governo dictatorial, por que não se procede com os poderes discricionarios?

Se na capital de um paiz como o nosso, 60.000 creanças desejam estudar e não encontram escolas, que diremos do resto do Brasil?

E' uma vergonha, triste vergonha o que se vê. Fundado o Ministerio da Educação, que, pelo titulo, parecia vir intensificar o ensino e a educação do povo, o que se viu foi o augmento de taxas, criação de novos impostos ás escolas, reformas prejudiciaes á propagação do saber, sellos, politicagem escandalosa em torno do cargo de ministro.

Ha uma outra phrase, muito commum por ahi, quando se procura desculpas para o estado lamentavel em que estamos: "Não ha verba".

Não ha verba? Mas para o suffocamento de rebelliões, não ha milhões e milhares de contos? Para a compra de aviões que se despedaçam diariamente, não ha contos e contos de réis? Para o pagamento a sinecuras não ha dinheiro? Não ha dinheiro para a diplomacia que nada adeanta ou a "neutralidade" nas mattas dos confins do Amazonas?

Entretanto, uma parte pequena, dez por cento apenas de todo esse dinheiro, daria mais escolas ao povo daria mais collocação a pobres professores, traria mais felicidade e progresso e cultura á nação.

Se o Brasil com oitenta ou mais por cento de analphabetos occupa o logar que occupa no concerto universal, imaginemol-o, brasileiros, quando do norte a sul, de leste a oeste, houver instrucção completa e os brasileiros tiverem consciencia de suas possibilidades!

Desde 1922, quando na época do Centenario se realizou o recenseamento no Brasil, sabe-se que temos uma cifra escandalosa de analphabetos. E desde essa época todos os estados e o governo federal não têm feito outra cousa senão arranjar augmentos de impostos, creação de novos impostos, novos sellos, taxas novas, cuja renda — dizem em decreto — se deverá applicar na instrucção. Ainda em Dezembro de 1932 o Interventor da Bahia arranjou o "imposto de captação" para o Fundo Escolar, de dez mil réis por cabeça de todos os habitantes, nacionaes ou estrangeiros. E, entretanto, a cifra de analphabetos continúa a mesma, ou talvez maior, se verificarmos bem...

Na America do Norte, ninguem penetra suas fronteiras ou seus portos sem que saiba ler ou escrever qualquer idioma. E, quanto ao idioma do paiz, este deverá ser ministrado ao visitante no dia seguinte á chegada, para o que é procurado por inspectores especiaes, na residencia.

Não comparecendo á qualquer escola publica, é a pessoa ou responsavel multado severamente e, em caso de reincidencia, expulso do paiz. E quanto ás escolas, estas são essencialmente gratuitas, sem sellos, nem requerimentos, nem certidões de firma, com lapis, cadernos e tinta fornecidos pelo estado.

Na Russia dos Soviets, disse ainda ha dias o commissario de Educação, o numero de alphabetizados é 90 %, emquanto na época do Tzar existiam apenas 33 %, ou seja, quasi a nossa cifra actual. No inicio de 1933 a União Sovietica tinha 485 estudantes em suas universidades, 913.000 nas chamadas "faculdades operarias" e mais de 1.500.000 nas escolas das fabricas. O numero de estudantes dos cursos elementares, que era de 9.900.000 em 1928 é actualmente de 18.800.000.

De muito ou tudo discordamos na Republica de Stalin que Lenine organizou. Mas neste ponto, batemos palmas. E' que todos vêm que é na educação que está o futuro da raça. Só os governos de nossa terra nada vêm. Elles julgam a politica filha da moral e da razão...

ARTE RETROSPECTIVA — D. Cecilia Meirelles, poetisa e educadora, inaugurou na "Pró-Arte" a sua interessante exposição de desenhos de arte retrospectiva. Ao alto, alguns dos presentes a esta inauguração e em destaque, a consagrada artista em "pose" especial para "O Malho".

O PEIXE DA ÉPOCA — Oh! pequeno, queres vender-me essa "teira"?

— Esta não posso, mas ha muita "boateira" por ahi agora.

UM FUNCCIONARIO PUBLICO...

No escriptorio de advogado do Dr. Chicão alguem bate á porta.

O Dr. Chicão, sentado em frente da enorme escrivaninha, larga, sem pressa, a penna que segura entre os dedos, ageita os oculos que lhe cavalgam o rubicundo nariz e dá ordem para esse alguem entrar.

Abre a porta um rapazelho de 20 annos, trajando mal-e-mal, olhar desconfiado, typo escarrado do malandro, que é portador de uma carta.

O Dr. Chicão olha-o com visivel desinteresse e abre a carta que este lhe passara. E' um pedido do Dr. Carlinhos, o "chefão" do partido governante, no qual expressava o seu interesse pelo portador, desejando para elle uma collocação cujo ordenado fosse superior a 1:000$000.

Finda a leitura, o Dr. Chicão inquire do apresentado:

— Seu nome?

— Manoel Fulgencio Pereira de Vasconcellos e Lima.

— Bacharel?

— Não, senhor.

— Sabe ler, contar e escrever com perfeição?

— Não, senhor. Nem com perfeição nem sem perfeição!

O Dr. Chicão coça desapontado a ponta do volumoso nariz e fica a scismar sobre o emprego que tinha que arranjar para tamanha cavalgadura. Precisava, de qualquer geito, dar uma solução satisfatoria áquillo, para não desgostar o partido do qual vivia.

— Está bem; volte amanhã para receber a resposta...

* * *

Naquella noite o pobre Chicão não dormiu direito. Virava-se e remexia-se na cama, sem conseguir "pregar olho" por causa daquelle maldito pensamento que estava a lhe apoquentar o descabellado cerebro: o pedido do Carlinhos!

E rebolando-se na cama fófa, viu passar lentas, lentas, desesperadoramente lentas as horas...

Lá pelas tantas, quando já desesperançado preparava-se para abandonar o leito, surge no cerebro obscuro do Dr. Chicão uma idéa que lhe faz abrir um sorriso enorme e bater palmas de alegria, como fazem as creanças a que satisfazem uma exigencia.

— Que burro que sou! Por que não pensei nisso ha mais tempo?

Eureka! O "caso" estava deslindado!

* * *

D'ahi a dois dias lia-se no orgão official do governo.

"Acaba de ser creada pelo governo desta cidade mais uma repartição publica, destinada a auxiliar os serviços de prophylaxia dos vagabundos da cidade. Para o importante cargo de director da mesma secção foi nomeado o Sr. Manoel Fulgencio Pereira de Vasconcellos e Lima."

DOMINGOS ROBILOTTA
(*Robi*)

(Desenho do nosso collaborador Robi).

LA' VAE "VASSOIRA"! — Um dos mercadores ambulantes mais populares em nossa Sebastianopolis é, sem duvida, o vassoureiro, que desde o seculo passado palmilha estas ruas, "mal raia alegre e fresca a madrugada"...

A' *esquerda — Vestido de crepe de lã cinza areia, punhos "nid d'abeilles", chapéo e demais complementos em preto; á direita — vestido de crepe de seda "beige" claro, golla, mangas e chapéo de velludo "façonné" cör de charuto.*

ALINHAVOS

A silhueta de agora differe da de ainda hontem.

Alguns pontos essenciaes no aspecto dos vestidos e no aspecto das mulheres estão modificados.

Sobe a copa de alguns chapéos, maximé nos de genero *canotier*, nos *turcos*, e nas boinas.

Arranjam-se bolsa, cinto, *écharpe* e chapéo em seda ou lã escoseza, ou tecido vistoso para vestidos de tonalidade uniforme.

Os casacos a tres quartos e os vestidos de tunica — usados tanto ha tempos atraz — voltam a substituir os longos *manteaux*, embora estes ainda

Tres especies de casacos completando um vestido de crêpe de lã azul pastel — da esquerda para a direita — até os quadris, ajustado, golla havana, ligeiramente embabadada; parando na cintura, sem mangas, gölla do mesmo tecido; bem acima da cintura, no feitio de pala, "clips" de metal. Todos talhados em velludo "paysan" cór de mel.

se vejam cobrindo *toilettes* finas e em horas mais *habillés*.

Os casacos a tres quartos são largos, soltos, sempre guarnecidos de grandes bolsos.

Clip de diamantes nas gollas dos vestidos de dia, na parte da frente.

E a moda é tão curiosa que manda collocar tal enfeite no decote ou como fecho do cinto dos vestidos de noite, na parte de traz.

A' esquerda — vestido de velludo fôsco, leve, ruches do mesmo panno em tres cercaduras, nas mangas; casaco de pesado setim "laqué", golla de "renard", e adequado aos trajes de noite.

Dois vestidos para jantar de cerimonia — o da esquerda composto de crepe de seda branco listrado de preto. A golla-"écharpe" posta de maneira a ser retirada, deixando pequeno, porém gracioso decote; o outro, simples, de seda "laqué", tem fôfos levantando as hombreiras e original "cabeça" no babado da saia.

S O R C I È R E

1584
29
ABRIL

ALBUM DE ŒDIPO

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1933
Março — Abril

QUADRO DE HONRA

HELIO FLORIVAL

Campeão Brasileiro de 1931

5ª SERIE DA TAÇA MARIA-FLÔR

Etiel T. E., (Lisboa, Portugal) — 173 pontos; *Vasco Diaz* (Lisboa, Portugal), 172; *Helio Florival, Noiva da Collina, V. Neno, Vivi* e *Belkiss* (todos 5, do Grupo dos XX, de Piracicaba), *Alejoal* e *Eurico* (ambos da T. E. — Lisboa), 171 cada; *Moranguinho* e *Senhorinha* (ambos do Grupo dos XX, São Paulo), 165 cada; *Taft* (Grupo dos XX, de Piracicaba), 154; *Eneb* (idem, idem), 153; *Arthano, Mr. Trinquesse* e *Nazareno* (do Reducto Paulista, São Paulo), 136 cada; *Pompeu Junior* (São Paulo), 116; *Dama Verde* (S. Salvador, Bahia), 106; *K. Cio* (Grupo dos XX, de Piracicaba), 77; *Nozinho* (S. Salvador, Bahia), 52; *Ricardo Mortes* (Recife), e *Tercio-filho* (idem), 43 cada; *Flôr de Liz* (Bahia), 41; *Helíantho* e *Vigario de Wielkfield* (idem), 18 cada; *Mawereas*, (Campinas, S. Paulo), 17.

O 1.º logar compete a Etiel; e o 2.º, a Vasco Dias.

O 3.º logar está entre Alejoal (pares) e Eurixto (impares), e Helio Florival (1 e 2), Noiva da Collina (3 e 4), Belkiss (5 e 6), V. Neno (7 e 8), e Vivi (9 e 0).

O premio dos 2 terços compete ou a Moranguinho (que ficará com os impares), ou a Senhorinha, (com os pares).

No desempate do 3.º logar, o grupo lusitano terá os finaes 1 a 5, e, o grupo piracicabano, os 6 a 0.

O premio da metade dos pontos compete a *Dama Verde*.

Os algarismos ou os termos — pares e impares — ao lado de cada componente dos grupos charadisticos acima assignalados e dentro dos parenthesis, sorteiam o vencedor dentro desse grupo, quando o grupo fôr o escolhido pela sorte.

A loteria desta Capital a correr hoje e, na sua falta, a primeira da semana seguinte, pelo seu premio maior, fará os desempates; valerá o segundo, se o primeiro não ultimar o processo, ou o terceiro, se os anteriores nada decidirem: e assim por deante.

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1933

NOVISSIMAS 176 a 182

2—1—1—Num logar *sagrado*, por *igual* dever, a gente *pára* e ajoelha, em *signal* de respeito.

2—2—*Examine* na *estrada* o *commentario*.
Athenas (Belém, Pará)

2—1—*De novo*: eis *aqui* o "*periquito*".
Nozinho (S. Salvador, Bahia)

1—2—A *merenda* estava *gostosa* ao som do *oboé*.
Satanito (R. P. — São Paulo)

1—1—Dou "*preferencia*" a esta "*planta*" por nascer perto da *peia*.
Edipo (Curityba, Paraná)

2—1—*Salva-se* o homem quando se *apresenta sem culpa*.
Violeta (Recife)

4—1—A' segunda *velha das vinhas sobrevém* verdadeiro *espalhafato*.
Eneb (Grupo dos XX, Piracicaba)

ENIGMAS 183 a 187

O Gil comprou um terreno,
Sitio ameno,
Num planalto por signal.
Mas que nelle — se dizia —
Tinha o demo moradia
Num bambual.
O Gil, que nada temia,
Foi ver o terreno, um dia,
Por uma bella manhã.
Mal põe o pé na planicie
(Só obra do mafarrico!)
Nosso Gil, que era um titan,
Transformou-se num *nanico*.
Thalia (Rio Grande)

Certo dia reuniram-se alguns crentes.
Na egreja protestante do logar,
E, ao som fanhoso de orgam bem bichado,
Todos elles puzeram-se a rezar.

Um intrave, porém, logo surgiu,
Porque, então, bem em meio à oração,
Divergente opinião appareceu
Exigindo do programma uma inversão.

Toda policia, em armas, foi chamada
P'ra celere os animos acalmar,
E só após prisões e espancamentos
Foi que poude o *barulho* dominar.
Gontran d'Abrunhosa (São Salvador, Bahia)

Não vive em *desassocego*
O meu illustre confrade,
Porque tem no coração
Uma bem velha cidade.
Dama Verde (S. Salvador, Bahia)

Querida Helena, o "livro" que me déste,
Confirmou, plenamente, o que dissestе
A' cerca do seu grande e real valor.
Tem na capa uma planta que o enfeita,
Formando assim a obra mais perfeita,
Porque essa "*planta*" é symbolo do amor.
Arthano (R. P. — São Paulo)

Ao Trinquesse

Sem um i,
Vou causar-te grande magua.
Eis aqui:
Não só o g, mas o "a (*d'agua*)".
Satanito (R. P. — São Paulo)

CHARADAS 188 a 191

Trouxe das terras do Oriente
Uma formosa *cegonha* — 2.
Só para dar de presente
Ao meu amigo Jodonha.

Certa "*mulher*" quando a viu, — 2.
Por achal-a sem igual,
Que a trocasse me pediu
Por um rico "*mineral*".
Athenas (Belém, Pará)

P'ra uma "*letra*" pagar — 1 —
No cartorio do Fragoso
E' cousa *simples*; pagar — 1 —
Quem tem *emprego* rendoso...
Nazareno (R. P. — São Paulo)

Na "*medida*" que apresentas, — 2
Resistente, como um muro,
Não vejo *nada* difficil, — 1
A não ser o grande "*furo*".
Dama Verde (S. Salvador, Bahia)

Quando o *estomago* exp'rimenta — 2
Da fome o imperio ferino,
Nosso corpo fica *inerte* — 2
E a gente fica *sem tino*.
Gontran d'Abrunhosa (S. Salvador, Bahia)

LOGOGRYPHOS 192 a 195

Era D. Anna Maria,
"*Mulher*" do Meira, uma féra: — 1—4—9—10
Ao comer peixe, não era
Qualquer peixe, que servia! — 5—8—3—10
Guitarra chineza ao Meira — 5—7—5—2
Pediu que comprasse, um dia,
E elle: *tolice*, Maria, — 9—1—6—2
Não attendo tal *asneira!*
Thalia (Rio Grande)

Numa bem velha "*cidade*", — 4—5—14—5—13—12

Certa vez, fui passear;
Encontrei "*homem*" de idade — 6—3—8—9—11—7

Com vicio feio: *jogar!*

Este vicio não me attrahe,
Nem *satisfaz* meu capricho; — 1—2—9—4—10
Entanto o *dinheiro* vae — 6—5—4—7
Em nosso jogo de bicho.

Mas, *se* me tenta outro jogo, — 12 —
Grito sem dó nem piedade:
"*Saia*" d'aqui... lá vae fogo, — 11—10—12—4—15—5
Com *muito firme* vontade!
Nazareno (R. P. — São Paulo)

Tinha-lhe *dado* o coração... amava... — 8, 11, 12, 14, 5

Andava de tal sorte aborrecida
E tantas vezes eu me vi dorida
Que o pranto pelo rosto deslisava!

Os tormentos mais asperos passava;
Tinha minha alma pela dor *cingida*, — 1, 9, 13, 14, 7

Quando um lance feliz da minha vida
Me fez tornar de ti a tua escrava.

Meu destino me fez padecer tanto...
"*Homem*" cruel me fez, parece incrivel, — 10, 5, 8, 2, 4

Jorrar por "*largas*" horas muito pranto. — 13, 5, 2, 6, 15

Cheguei a *ponto* tal, que preferivel... — 10, 4, 15, 6, 2

Mas vae longe o passado... agora... canto...
Na *apparencia* infeliz de um ser punivel!

(S. Paulo)
Mr. Trinquesse (R. P.)

Lá, na casa do Machado,
Corre animado o BANQUETE: —1—3—9—1—6
Perú', frango, porco assado,
Vinho, cerveja e sorvête...

Tudo é riso e pagodeira;
Ri o Mamede, e o Queiroz
Té no oriental A MILHEIRA
FAZ OUVIR A SUA VOZ.—1—2—3—9

Sobre a dansa alguem consulta;
E dahi, então RESULTA—7—6—4—5—9
Ver que musica ali não tinha:

Mas isso não deu cuidado...
Improvisou-se o bailado
Ao som duma CAMPAINHA.
Granadeiro (Dcca. Capital)

Ficha charadistica n. 265 — Irahydes de Araujo Costa (Ira-Hyde), São Salvador, Bahia.

CORRIGENDA

Do n. 1582

Em vez de — E a mandou —, leia-se — Pôs mandou—, enigma de Tenente (ultimo verso) Está entre asteriscos, mas não gryphada, a expressão — * ao contrario * — do 6º verso do enigma de Belkiss.

13º verso da charada de Satanito deve acabar em dous pontos (:) em vez de um (.), como sahiu. — A braços — e não — braços — (11º verso do logogrypho 147, de Pizarro. E' —8— e não —3— o algarismo do logogrypho 149 de Gontran d'Abrunhosa (9.º verso).

Do n. 1577

E' — *zanga* — e não — *xanga* — (Novissima, de Athenas).

4º TORNEIO DE 1932

Na apuração desse torneio, *Dama Verde* figura em 1.º logar, empatada com Helíantho, porque ella teve direito a mais um ponto (o 180) no numero 1556; que não lhe foi marcado quando da apuração do dito numero.

Os premios relativos a esse torneio, excepto o do *melhor trabalho*, já seguiram aos seus distinos, tomando nós, por base, os endereços registrados nas respectivas fichas charadisticas.

Resta, agora, que os detentores accusem o recebimento dos mesmos.

"REMOCEMOS A ACADEMIA!"

Ribeiro Couto

"Remocemos a Academia!" Este grito lançou "O Globo" em uma de suas edições, a proposito da candidatura de Ribeiro Couto á vaga de Constancio Alves na mesma Academia.

E o grito ecoou pelo Brasil afóra. Nos centros literarios onde a mocidade estuda e sonha. E nas cidades e villas onde uma nova geração sonha e estuda.

"Remocemos a Academia!" E' tempo. E comecemos por Ribeiro Couto, o mais joven, o mais talentoso e melhor romancista que o Brasil novo possue. E comecemos por Ribeiro Couto, que escreve como os mais consagrados escriptores escrevem, com a vantagem da simplicidade e belleza que nem todos possuem. E comecemos por Ribeiro Couto, que tem em sua immensa bagagem literaria aquelle romance assombroso que ainda hoje espera outro que se lhe compare em delicadeza: "Cabocla". E comecemos por Ribeiro Couto, que impoz o seu nome a golpes de intelligencia, tecendo poesia como só os verdadeiros poetas sabem tecer e apresentando contos como só os absolutos "conteurs" são capazes de apresentar. E comecemos por Ribeiro Couto, que é *gentleman* e diplomata, escriptor e jornalista completo. E começando por Ribeiro Couto, sacudamos, como diz "O Globo", a velha poeira dos tempos da nossa Academia.

A candidatura de Ribeiro Couto no Cenaculo de Immortaes está victoriosa. E victoriosa, assim, de uma vez, porque não tem o apoio da politica, nem de expoentes, nem de camaradagem. Ribeiro Couto entra para a Academia como Humberto de Campos entrou, como Afranio, como Medeiros, como Coelho Netto entraram: pelo valor e merecimento da obra literaria.

E esta é grande. E bôa. Desafia tempestades de critica e o correr dos tempos. Eil-a: "Jardim das Confidencias". "Poemetos de ternura e de melancolia", "Canções de Amor", "Um homem na multidão" e "Noroeste e outros poemas do Brasil", poesia; "A casa do gato cinzento", "O crime do estudante Baptista", "Bahianinha e outras mulheres", "O club das esposas enganadas", contos; "Cabocla", o primeiro e maior romance destes ultimos annos: "A cidade do vicio e da graça", chronicas; "A criança e a escola nova do Brasil", estudo e "O espirito de São Paulo", critica.

Mas não é só. Ahi vêm mais: "Provincia", poesias; "Vovó Quiteria", novella; "Prima Bellinha", romance; "Presença de Santa Catharina", chronicas e outros ensaios a sahir.

Todavia, falemos francamente: se o numero das obras literarias de Ribeiro Couto não é "documento" para a sua entrada no Cenaculo dos Immortaes, sómente "Cabocla" exclusivamente "Cabocla", unicamente "Cabocla" chegaria para consagral-o, porque "Cabocla" é o maximo romance genuinamente brasileiro.

Não fosse escripto nesse idioma que nos encarcera, e "Cabocla" estaria hoje no milhão de exemplares, e traduzida para todo o mundo.

Remocemos, pois, a Academia!

PITTORESCO 196

Jodonha (Rio)

PRAZOS

Terminarão: a 29, de Maio e a 3, 9, 11, 13 e 18 de Junho proximos, respectivamente para cada um dos grupos regionaes já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

CORRESPONDENCIA

Athenas, Spartaco e Lyrio do Valle (Todos de Belém, Pará) — Recebido os trabalhos.

Ira-Hydes (S. Salvador, Bahia) — Inscripto como aprendiz, sob n.º 265.

Edipo (Curityba), *Athenas* (Belém), *Cid Marlowe* (S. Paudo) — Como as demais, que têm vindo as ultimas listas recebidas aqui chegaram sem a citação dos livros, onde foram ellas colhidas.

Não deverão fazer mais isso, sob pena de perderem 1 ponto.

A. Brasil (Rio) — Já lá se vão quasi 3 mezes, e o confrade nada cumprio ainda do que lhe pedimos na Correspondencia do n.º 1577, de 11 de Fevereiro deste anno.

Como é, então, que deseja fazer parte do nosso quadro charadistico?

MARECHAL

A nova directoria do Instituto dos Advogados

O Dr. Pinto Lima, novo presidente do Instituto dos Advogados, ladeado pelos Drs. João Pedro dos Santos e Nestor Massena, respectivamente 1.º e 2.º secretarios.

Com grande solemnidade, realizou-se a 20 do corrente a posse da nova directoria do Instituto dos Advogados, tendo nessa occasião o seu illustre presidente Dr. Augusto Pinto Lima pronunciado brilhantissimo discurso, delineando as novas directrizes da grande instituição de juristas. A directoria do Instituto ficou assim constituida:

Presidente, Dr. Augusto Pinto Lima; 1.º vice-presidente, Aroldo Medeiros da Fonseca; 2.º vice, Dr. Philadelpho Azevedo; 1.º secretario, João Pedro dos Santos; 2.º secretario, Nestor Massena; supplentes do 1.º secretario, Drs. Lenoir de Merecourt e Letacio Jansen; supplente do 2.º secretario, Armando Coelho Fragoso e Pedro Calmon; orador, Alberto Juvenal do Rego Lins; thesoureiro, Dr. Herbert Canabarro Reychardt; bibliothecario, Dr. Achilles Bevilacqua.

Cantiga

O luar macio borda na areia o poema branco dessas estrellas pequeninas que estremecem sob o meu pé destruidor. E as folhas cantam a leve ñenia dolorida do luar que sonha pelos olhos de quem soffre, do luar que sonha pelos olhos de quem ama. E as fontes andam surdinando na penumbra e tudo sobe num concerto commovente de notas que resvalam pela sombra.

Olha a minha sombra, vae sózinha pela estrada.

* * *

Por que o luar tem essa luz que acaricia? Por que elle fala á nossa alma revoltada? Por que elle lembra alguma coisa que morreu?

Dansam as sombras no caminho, armando ao passo dos que vem incautamente, uma cilada de crueis recordações. E os bancos falam, escondidos entre as moitas, falam de amores que passaram, ignorados; falam de dramas que entre elles desdobraram a pagina de um sonho sem historia.

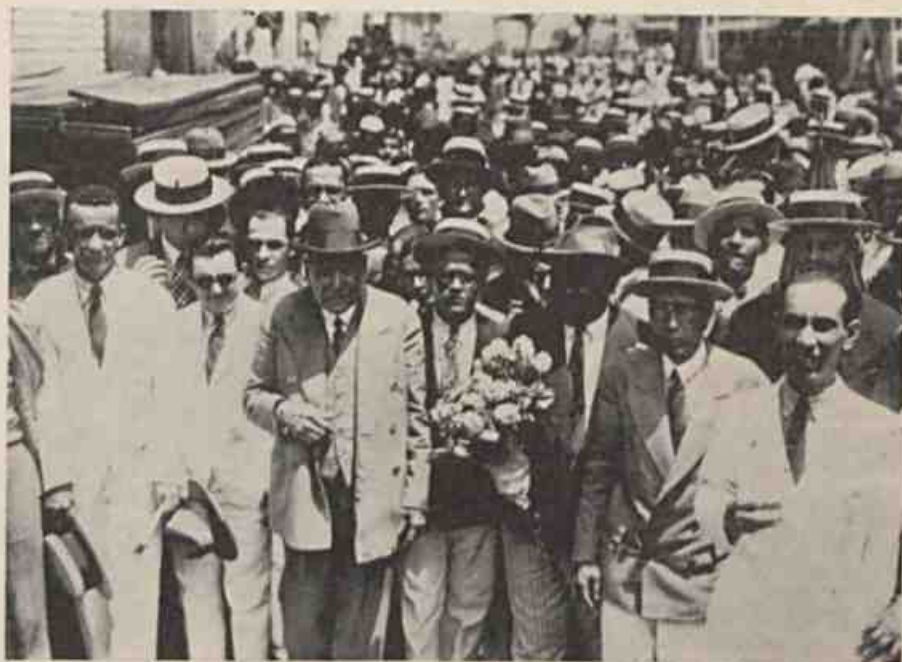
Olha o meu sonho, vae morrendo na distancia.

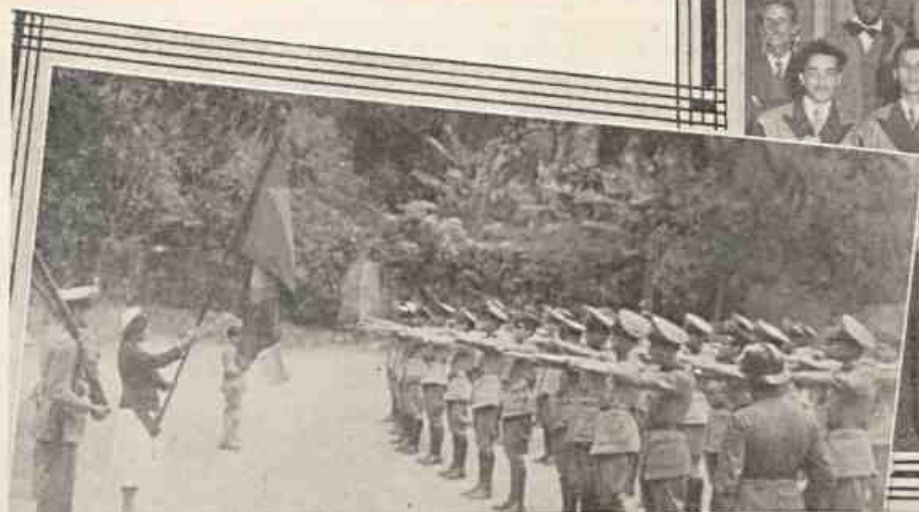
* * *

Depois, na noite erma, a cidade se enche de fantasmas cambaleantes e um violão passadista derrama a nota da seresta, para aquella que repousa, sem cuidados, na lonjura de um sexto andar inabordavel.

E a lua ri, fria e perversa, desse amor quasi anachronico, pondo na noite toda a brancura desse riso que esfria as almas e enregela os corações.

Olha a minha alma, está suspensa no luar...

S. G.

DA BAHIA — Aspecto da recepção ao Dr. J. J. Seabra, quando de sua chegada á capital da Bahia, no "Aratimbó".

DE NICTHEROY

Juramento á bandeira pelos reservistas do Gymnasio Bethencourt da Silva. Ao lado, grupo feito após a solemnidade do juramento, vendo-se sentado ao centado, ao cendo Gymnasio, ladeado pelos representantes das autoridades.

Com grande acompanhamento, realizou-se domingo ultimo a procissão de Santo Expedicto, da Cathedral de Nictheroy. As gravuras mostram, ao alto, o presidente e demais directores da Irmandade que acompanharam a procissão, e ao lado, o lindo andor e a imagem de Santo Expedicto que percorreu as ruas da capital fluminense.

Em baixo, jogadores do "Fluminense A. C." e "Olaria A. C.", desta capital, que tomaram parte no jogo nocturno de 5ª feira ultima, no festival da Banda Lusitana, vencendo o "Fluminense A. C." pelo "score" de 3 X 2.

Na séde do Centro Fluminense de Estudos Juridicos, quando da posse da nova directoria, vendo-se ao centro o Dr. Almir Madeira, seu novo presidente, ladeado pelos demais membros da directoria.

CANHÃO... DE GROSSO CALIBRE

Quando eu deixei a antiga cidade de São Felix, na Bahia, lá pelos fins do anno de 1918, o meu amigo Paulo ajudava ao vigario da capella local a celebrar a missa, aos domingos, desempenhando, assim, o papel de sacristão.

Quasi analphabeto, desenvolvidamente mediocre, foi-lhe um pouco difficil, de inicio, dar conta do recado. Com a successão das cousas, porém, o meu amigo já ageitava a batina, dispunha os objectos em seus logares, espanava a poeira do altar e movimentava o livro sagrado, á hora solemne da oração, com relativa desenvoltura e facilidade.

Ao deixar eu aquella cidade, com destino á capital do Estado, [illegible] já alegre de um domingo de festa, depois da missa habitual, Paulo apertou-me fortemente num largo abraço de saudosa despedida.

De São Salvador rumei para o Rio de Janeiro, onde comecei a ganhar o pão quotidiano, amargamente, á frente de uma secção recreativa de um diario matutino.

Os annos, como folhas seccas pelo tempo, cahidas no chão, corriam successivamente na vertigem da vida; e nove se passaram assim, até que numa bella tarde ensoalheirada, ao atravessar a Rua Marechal Floriano, um senhor, de madura idade, baixo, um tanto obeso, me bateu no hombro:

— Creio que o conheço, cavalheiro.

— E' possivel — respondi-lhe. Como se chama?

— Paulo.

Evidentemente, naquella hora, não me lembrava de nenhum Paulo daquella estirpe. O reporter policial do meu matutino, de nome identico, era cara differente. Todavia, aventurei:

— Paulo de que?

— Souza Dantas, para servil-o.

— Obrigado. E' bahiano?

— De São Felix.

Positivamente, não era outra a pessoa sinão a do meu amigo de infancia, o ex-sacristão de outros tempos. A sua cabelleira de ébano continha já alguns fios nevados. Algumas rugas, disfarçadas na fronte queimada pelo quente sol nordestino, eram o indicio perfeito de uma precoce decadencia progressiva...

Um forte abraço de saudades. E, em seguida, perguntas sobre a nossa villa de noitadas alegres, sobre os nossos velhos amigos, sobre os costumes do nosso povo leal e bom... Depois, com serenidade, declarou-me o meu amigo:

— Estou no Rio ha quinze dias, meu caro. Vendi o sitio, os cacaueiros, os porcos, as gallinhas, tudo, emfim, para vir a esta terra maravilhosa. Gastei um dinheirão só de passagens... passagens para oito pessoas, da Bahia ao Rio, á brincadeira!?...

— Como? — inquiri curiosamente.

— Sim. Para a "patrôa", para mim e seis filhos. Além disso, viagem longa. Creanças chorando. Um verdadeiro inferno, amigo...

Comprehendi. Paulo havia constituido familia. Comtudo, era um homem de coragem rara. Porque é preciso ter-se mesmo muita coragem para tão grande aventura: deixar uma villa do interior, assim, sem profissão definida, cheio de filhos pequenos, para tentar a vida numa cidade como a do Rio, onde o desemprego já constitue quasi uma *profissão* para os habitantes...

Para consolar o meu amigo, aventurei:

— Ora, meu caro Paulo, eu tambem já soffri muito, talvez muito mais do que você soffre agora. Pelo menos você tem a suprema felicidade de possuir uma companheira na vida, para as dores e para as alegrias. Tem o carinho de uma esposa muito amiga e virtuosa. Tem o socego do lar. Tem a belleza e o encanto dos seus filhinhos innocentes para a feliz riqueza da modesta mansão. Você é feliz, amigo. E eu, pobre miseravel!?... Nove annos, nove longos annos, sózinho, soffrendo as intemperies de uma existencia malsinada por este mundo de Deus em fóra...

Paulo suspirou profundamente. Duas lagrimas de dolorosa tristeza, rolaram, silenciosas, por aquellas faces já rugosas pela idade.

— Aos *carinhos* da Chica, eu preferiria o isolamento perpetuo. Talvez eu não soffresse tanto. Não passaria, creio, pelos *vexames* por que passo, muitas vezes em plena luz do dia, com aquelle insupportavel *canhão*.

— Canhão? Por que fala assim? — perguntei-lhe, estranhando tamanho improperio.

— E', amigo. E' isso mesmo. Minha mulher é do outro mundo. E' um canhão — como se diz vulgarmente —; um canhão e... de grosso calibre.

Comprehendi. O meu amigo Paulo apanhava da mulher...

A. GONÇALVES

(C.-T. *Maranhão*).

JÀ' ESTÃO A' VENDA EM TODO O BRASIL, NAS LIVRARIAS E PONTOS DE JORNAES, OS

LIVROS DE SUCCESSO PARA CREANÇAS!

CHIQUINHO D'O TICO-TICO
RÉCO-RÉCO, BOLÃO e AZEITONA
DE LUIZ SA

NO MUNDO DOS BICHOS
DE CARLOS MANHÃES

CONTOS DA MÃE PRETA
DE OSWALDO ORICO

PREÇO DE CADA VOLUME

A SEGUIR

HISTORIAS MARAVILHOSAS
DE HUMBERTO DE CAMPOS

QUANDO O CÉO SE ENCHE DE BALÕES
DE LEONOR POSADA

MINHA BÁBÁ
DE J. CARLOS

ZÉ MACACO
DE ALFREDO STORNI